

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE
DO NORTE

IURI DO NASCIMENTO SILVA

**O SAGRADO E O PROFANO: UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA FESTA
DE SÃO SEBASTIÃO NA COMUNIDADE DE CURRAIS, NÍSIA FLORESTA – RN**

NATAL

2026

IURI DO NASCIMENTO SILVA

**O SAGRADO E O PROFANO: UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA FESTA
DE SÃO SEBASTIÃO NA COMUNIDADE DE CURRAIS, NÍSIA FLORESTA – RN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Dr. Geovany Pachelly Galdino Dantas

NATAL

2026

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte – IFRN
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi

Silva, Iuri do Nascimento.

S586s O sagrado e o profano : um estudo das transformações da Festa de São Sebastião na comunidade de Currais, Nísia Floresta – RN / Iuri do Nascimento Silva. – 2026.
79 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2026.
Orientador(a): Dr. Geovany Pachelly Galdino Dantas.

1. Geografia cultural. 2. Religiosidade. 3. Memória. 4. Identidade cultural. 5. Festa de São Sebastião – Nísia Floresta -RN. I. Título.

SIBi/IFRN

CDU 911.3:2(813.2)

Elaborada pela Bibliotecária
Sandra Nery S. Bigois – CRB 15/439

IURI DO NASCIMENTO SILVA

**O SAGRADO E O PROFANO: UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA FESTA
DE SÃO SEBASTIÃO NA COMUNIDADE DE CURRAIS, NÍSIA FLORESTA – RN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado em **06 / 02 / 2026** pela seguinte Banca Examinadora:

Geovany Pachelly Galdino Dantas, Dr. – Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Gilene Moura Cavalcante de Medeiros, Dra. – Examinadora interna

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Evaneide Maria de Melo, Dra. – Examinadora interna

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me amparado e concedido discernimento ao longo de todo o curso.

Agradeço também a São Sebastião, santo padroeiro da minha comunidade, que foi meu intercessor durante todo o período de realização desta pesquisa e permanece como guia para toda a vida. Sua trajetória constitui inspiração pela fidelidade, pelo serviço e pelo testemunho dedicado a Jesus Cristo.

Gostaria de agradecer, de maneira especial, pela vida, dedicação e contribuição dos meus pais ao longo de toda a minha trajetória. Destaco sobretudo, minha mãe, Ione Maria do Nascimento Silva, que nunca hesitou em oferecer o melhor que podia a mim e à minha irmã, sendo presença constante de cuidado, apoio e incentivo. Suas contribuições foram de suma importância para a realização deste feito. Expresso, ainda, que tudo o que sou e tudo o que ainda serei é fruto desse amparo familiar, pois, como retratam Santos e Chagas (2022), no trecho da música “Continuação de um sonho”, sou a continuidade dos sonhos de minha mãe, de meu pai, de meus avós e de todos aqueles que vieram antes de mim e lutaram para que hoje pudéssemos sorrir.

Agradeço também à minha avó Zélia Maria, pelo incentivo constante e por me fazer acreditar em mim mesmo nos momentos de angústia, bem como à minha família em geral, que sempre acreditou em mim e torceu por minhas conquistas.

Estendo ainda minha gratidão ao meu avô João Inácio e à minha tia Izabel (in memoriam), que embora não estejam mais entre nós, permanecem vivos em meu coração e em minha memória, certos de que estariam torcendo por mim e celebrando cada conquista.

Agradeço ao professor Geovany Pachelly, a quem tenho grande apreço e consideração. O docente foi meu supervisor nos Estágios III e IV e orientador das disciplinas de TCC I e TCC II. Agradeço por toda a paciência, cuidado e compreensão demonstrados ao longo desse percurso formativo. Destaco aqui minha experiência na realização do Estágio IV, que foi efetuado no 2º ano do ensino médio, na turma de Edificações, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), considero a experiência como um grande desafio, que em meio as incertezas me fizeram duvidar que seria capaz de exercê-lo completamente; contudo, sob sua orientação, a jornada tornou-se mais leve e repleta de aprendizados. Reitero minha gratidão e peço a Deus que lhe conceda saúde e vida abundante.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) pelos ensinamentos e pelas contribuições fundamentais

para a minha formação acadêmica. Em especial, agradeço ao professor João Correia, pelos conselhos, palavras de conforto, incentivo e pelos valiosos ensinamentos compartilhados ao longo do curso; ao professor Francisco Ednardo, pela leveza, humanidade e pelo repertório de metodologias empregadas em suas aulas, que se tornaram fonte de inspiração para mim, bem como pelo apoio com materiais e pelas contribuições realizadas durante o desenvolvimento desta pesquisa; à professora Gilene, que, embora tenha lecionado apenas duas disciplinas para minha turma, demonstrou grande competência, solicitude e compromisso profissional; e, por fim, mas não menos importante, à professora Maria Luiza, cuja postura empática e a riqueza de seus ensinamentos despertaram em mim profunda admiração e afeto.

Agradeço aos meus colegas de turma, que tornaram minha primeira experiência acadêmica mais leve, divertida e que mesmo diante das adversidades desde o início do curso, ainda na pandemia, no ensino remoto, foi marcada pela perseverança e garra de todos. Agradeço, em especial, a Andrezza, pelas palavras de apoio, cuidado e otimismo, como também pela disponibilidade em ajudar sempre que precisei; a Débora, Pedro, Joedna, Vitor e Maxwell Moreira, pela parceria ao longo dessa trajetória; e a Jonas, que se mostrou um grande amigo ao se disponibilizar para contribuir na elaboração do mapa utilizado na pesquisa. Todos foram fonte de incentivo nos momentos difíceis e exemplo de companheirismo constante. Pretendo levá-los comigo para a vida e desejo a todos êxitos na vida pessoal e profissional.

RESUMO

A presente pesquisa analisa a Festa de São Sebastião na comunidade rural de Currais, localizada no município de Nísia Floresta–RN, com o objetivo principal de compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo na celebração do santo padroeiro, relacionando-as à sua importância histórica, religiosa, social e simbólica para os moradores locais. Fundamentado nos pressupostos da Geografia Cultural e nas discussões acerca das dimensões do sagrado e do profano, o estudo investiga de que maneira a festividade contribui para a construção da identidade coletiva, do sentimento de pertencimento e do uso simbólico do espaço comunitário. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa apoia-se em revisão bibliográfica, análise documental, observação de campo e na coleta de depoimentos orais de moradores, especialmente dos mais antigos, cujas memórias evidenciam a centralidade da festa na história e na vivência cotidiana da comunidade. Os resultados demonstram que a Festa de São Sebastião ultrapassa o caráter estritamente religioso, configurando-se como um importante momento de sociabilidade, de fortalecimento dos laços comunitários e de transmissão da tradição entre gerações, os relatos também apontam para transformações significativas ao longo do tempo, como a redução do novenário para o tríduo e o declínio da participação religiosa, aspectos que indicam mudanças na dinâmica sociocultural da festividade. Ainda assim, a devoção ao santo padroeiro permanece viva, reafirmando a relevância da festa como elemento estruturante da memória, da identidade e da organização social da comunidade de Currais.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Religiosidade; Identidade cultural; Festa de São Sebastião; Comunidade Currais.

ABSTRACT

This research analyzes the Feast of Saint Sebastian in the rural community of Currais, located in the municipality of Nísia Floresta, Rio Grande do Norte (Brazil). Its main objective is to understand the transformations that have occurred over time in the celebration of the patron saint, relating them to their historical, religious, social, and symbolic significance for local residents. Grounded in the principles of Cultural Geography and in discussions concerning the dimensions of the sacred and the profane, the study investigates how the festivity contributes to the construction of collective identity, a sense of belonging, and the symbolic use of community space. From a methodological perspective, the research is based on a bibliographic review, documentary analysis, field observation, and the collection of oral testimonies from residents-especially older inhabitants-whose memories highlight the centrality of the feast in the history and everyday life of the community. The results demonstrate that the Feast of Saint Sebastian goes beyond a strictly religious character, constituting an important moment of sociability, the strengthening of community ties, and the transmission of tradition across generations. The accounts also point to significant transformations over time, such as the reduction of the novena to a triduum and the decline in religious participation, aspects that indicate changes in the socio-cultural dynamics of the festivity. Even so, devotion to the patron saint remains alive, reaffirming the relevance of the feast as a structuring element of memory, identity, and social organization in the community of Currais.

Keywords: Cultural Geography; Religiosity; Cultural Identity; Feast of Saint Sebastian; Currais Community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização da comunidade de Currais, Nísia Floresta – RN.....	13
Figura 2 - Igreja Matriz de Nossa Senhora Do Ó, Nísia Floresta – RN.....	35
Quadro 1 - Programação anual das festas dos(as) padroeiros(as) das comunidades de Nísia Floresta	35
Figura 3 - Terço votivo a Nossa Senhora Do Ó na comunidade Currais, Nísia Floresta – RN...37	
Figura 4 - Padrinhos e madrinhas de Nossa Senhora Do Ó, na Festa da padroeira.....	37
Figura 5 - Roçado de feijão verde, macaxeira, milho, jerimum e batata doce em Currais.....	38
Figura 6 - Pesca no Rio Trairí em Currais.....	39
Figura 7 - Viveiro de camarão e tilápia na comunidade de Currais.....	39
Figura 8 - Imagem de São Sebastião, padroeiro da comunidade de Currais.....	43
Figura 9 - Capela de São Sebastião na comunidade de Currais.....	44
Figura 10 - Casamento comunitário na Festa de São Sebastião.....	46
Figura 11 - Procissão com o estandarte de São Sebastião.....	48
Figura 12 - Tríduo da Festa de São Sebastião na pandemia.....	49
Figura 13 - Missa de encerramento da Festa de São Sebastião no ano de 2024.....	49
Figura 14 - Quermesse da capela na Festa de São Sebastião em 2018.....	52
Figura 15 - Cavalgada com o estandarte de São Sebastião.....	52
Figura 16 - Concentração dos cavaleiros na cavalgada.....	53
Figura 17 - Capela de São Sebastião no seu modelo atual.....	55
Figura 18 - Construção do Centro Pastoral.....	56
Figura 19 - Missa votiva em honra a São Sebastião.....	57
Figura 20 - Missa de abertura da Festa de São Sebastião 2026.....	58
Figura 21 - Primeira noite do Tríduo.....	59
Figura 22 - Segunda noite do Tríduo.....	60
Figura 23 - Terceira noite do Tríduo.....	60
Figura 24 - Missa solene de encerramento da Festa de São Sebastião 2026.....	61
Figura 25 - Barraca da Festa de São Sebastião 2026.....	62
Figura 26 - Celebração em honra ao movimento da Mãe Rainha	63
Figura 27 - Movimento do Mãe Terço dos Homens em comemoração aos 11 anos de participação.....	64
Figura 28 - Celebração em virtude de Nossa Senhora de Fátima.....	65
Figura 29 - Celebração em virtude de Nossa Senhora de Aparecida.....	65
Figura 30 - Tapete de Corpus Christi na Capela de São Sebastião.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	15
2.1 REFERENCIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS	16
2.2.1 Aplicação do questionário físico	17
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1 ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA	19
3.2 A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: OS ESPAÇOS SAGRADOS E OS ESPAÇOS PROFANOS	24
3.3 DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E SUAS REPRESENTAÇÕES	27
3.4 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DAS FESTAS DE SANTO NO BRASIL	28
3.5 NÍSIA FLORESTA E A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO Ó.....	33
4 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE CURRAIS, NÍSIA FLORESTA.....	38
4.1 ORIGEM HISTÓRICA DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO	42
4.2 DINÂMICA SOCIOCULTURAL E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO	47
4.3 ORGANIZAÇÃO DA FESTIVIDADE ATUALMENTE	56
4.4 PROGRAMAÇÃO E EXERCÍCIO COTIDIANO DA CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (VERSÃO MORADORES DA COMUNIDADE)	73
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (VERSÃO ORGANIZADORES)	75
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	78

1 INTRODUÇÃO

A Geografia Cultural tem se consolidado como uma importante perspectiva de análise no âmbito da ciência geográfica, pois se dedica ao estudo das relações entre as interações sociais e o espaço geográfico. Nessa abordagem, o espaço deixa de ser compreendido apenas como suporte físico e passa a ser analisado como resultado das ações humanas ao longo do tempo. Conforme Claval (1995 *apud* Rosendahl; Corrêa, 1999), esse ramo da Geografia passou a considerar a diversidade de formas pelas quais o ser humano transforma a superfície terrestre, despertando o interesse dos estudiosos para fenômenos que passaram a ser compreendidos como expressões de natureza cultural.

A religião, enquanto um dos temas discutidos e estudados pela Geografia Cultural, pode ser compreendida como um conjunto de ações, práticas, rituais e símbolos que orientam a relação entre o sagrado e o ser humano. Por meio da fé, ela configura tanto a vida individual quanto a coletiva, influenciando a organização da sociedade. A convicção religiosa contribui para a construção de valores éticos e morais, fortalece os vínculos sociais e comunitários e se reproduz como um importante elemento cultural e identitário. Dessa forma, a religião reitera tradições e exerce influência direta sobre comportamentos, costumes e modos de interpretação do mundo.

Dentre os temas de relevância no contexto da Geografia Cultural nas últimas décadas, as crenças e manifestações religiosas despontam e se tornam pautas importantes, como forma de notar transformações no pensamento coletivo sobre preceitos e dogmas religiosos, que anteriormente não existia tanto entendimento e adesão da população. No Brasil, o Catolicismo é a religião mais expressiva dentre todas as religiões, correspondendo a 56,7% da população, conforme dados do Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Embora tenha apresentado queda em número de adeptos nos últimos recenseamentos, o Catolicismo segue majoritário quando comparado ao segmento evangélico (26,9%), espírita (1,8%), umbanda e candomblé (1,0%) (IBGE, 2022).

Na religião Católica, todo templo religioso tem um santo que exerce o papel de “protetor”, também denominado de padroeiro. Nos dias que antecedem a data comemorativa em alusão ao santo, as localidades e o povo se articulam em prol da organização da festa, a Igreja é incrementada com novos arranjos decorativos, a programação celebrativa é elaborada diferente do cotidiano; comunidades vizinhas, paróquias ou outros grupos, são convidados a presenciarem e participarem do momento, a comissão da igreja organiza eventos sociais abertos

em horários diferentes das celebrações, para arrecadação de fundos e assim gera-se uma dinâmica sociocultural.

Nessas festividades, é possível identificar duas facetas interligadas: a dimensão do sagrado, relacionada à liturgia e aos rituais religiosos, e a dimensão do profano, associada às diversas formas de sociabilidade que ocorrem no entorno dos templos e durante o período festivo Rosendahl (1999). Um dos exemplos mais expressivos dessa dualidade são as festas juninas na região Nordeste. Ao longo do mês de junho, os padroeiros Santo Antônio, São João e São Pedro são homenageados por meio de celebrações e programações específicas nas instituições religiosas, representando o sagrado. Paralelamente, realizam-se festas populares de caráter profano em diferentes localidades, que reafirmam e mantêm viva uma cultura fortemente enraizada e representativa da identidade regional.

Partindo da análise da Geografia Cultural, sob o enfoque da Geografia da Religião, esta monografia se propôs realizar um estudo das transformações na Festa de São Sebastião na comunidade de Currais, no município de Nísia Floresta – RN. Diante dessa temática, fez-se necessária a formulação de uma questão estruturante capaz de orientar a investigação e compreender a problemática central da pesquisa. Nesse sentido, questiona-se: a que motivações se devem as mudanças ocorridas na Festa de São Sebastião ao longo do tempo?

O objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar as transformações e a dinâmica sociocultural a partir das práticas e significados atribuídos à festividade, na Comunidade Currais, Nísia Floresta - RN. Ademais, torna-se necessário o esclarecimento e a delimitação dos objetivos específicos que irão orientar, conduzir o desenvolvimento da pesquisa e alcançar o objetivo geral, são eles:

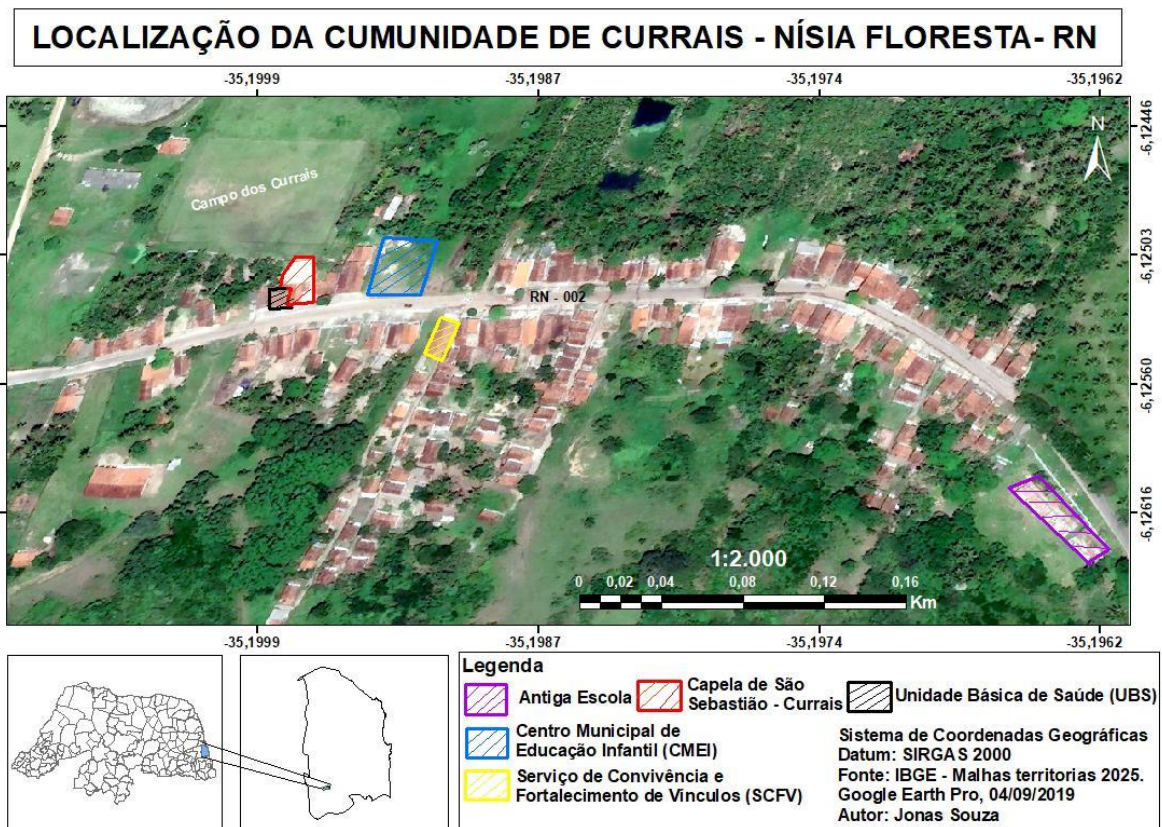
- Investigar a origem e o processo histórico de constituição da Festa de São Sebastião na comunidade de Currais, Nísia Floresta - RN.
- Compreender as transformações ocorridas na Festa de São Sebastião.
- Entender na atualidade a organização da festa e a interação entre a comunidade local e as manifestações do sagrado na programação cotidiana.

A notoriedade da Festa de São Sebastião, padroeiro da localidade, é um grande incentivo para entender o comportamento e a conjuntura da população, quando se trata de algo tradicional e que se perpetua ao longo do tempo com suas complexidades e variáveis. O entendimento da população quanto ao evento foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, as experiências vivenciadas no local no período da festa remontam cenários objetivos que elucidam a realidade e a dinâmica sociocultural presente. Tanto que durante o período de estruturação empírica da pesquisa, evidencia-se um processo de involução da Festa, no qual os principais fatores para tal

declínio da festividade são: aumento expressivo da violência, envelhecimento do público participante, desgaste dos gestores da festa e dificuldade no trajeto das vias de acesso.

No que compete à localização, a comunidade de Currais situa-se a aproximadamente 5 km da área urbana de Nísia Floresta, às margens da RN-002 (Figura 1). A comunidade está inserida na porção interiorana centro-sul do município, posicionando-se entre as comunidades de Jenipapeiro e Golandi. Com uma população estimada em 500 habitantes, Currais tem na agricultura familiar e nas atividades relacionadas aos viveiros de camarão (carcinicultura) as principais fontes de renda de seus moradores.

Figura 1 – Mapa de localização da comunidade de Currais, Nísia Floresta – RN.



Fonte: Elaborado por Silva (2025), com base nos dados do IBGE- Malhas territoriais (2025) e Google (2019).

Já o município de Nísia Floresta, conforme também identificado no mapa acima integra a Região Metropolitana de Natal e possui uma população de 31.942 habitantes (IBGE, 2022). Caracteriza-se por apresentar uma extensa área rural, composta por diversas comunidades, dentre as quais se encontra Currais. Paralelamente, o município assume relevância como destino turístico, especialmente em função de suas praias, como Pirangi do Sul, Búzios, Camurupim, Barra de Tabatinga e Barreta. Suas belezas naturais e paisagens tornam-se atrativas aos

visitantes, sendo que Nísia Floresta abriga cerca de 26 lagoas e 5 praias distribuídas ao longo de seus 307,719 km² de extensão territorial.

A partir da introdução do recorte temático e espacial, o presente trabalho estrutura-se da seguinte forma:

A presente pesquisa encontra-se estruturada em seções. Inicialmente, a Introdução propõe apresentar a temática da pesquisa a partir da problemática e dos objetivos gerais e específicos, contextualizando de forma sucinta o tema e delimitando o recorte socioespacial adotado. Em seguida, o Percorso Metodológico da Pesquisa descreve o suporte metodológico utilizado para o desenvolvimento do estudo, explicitando os procedimentos, técnicas e estratégias empregadas na construção da investigação. Já a Fundamentação Teórica constitui-se como a seção norteadora dos conceitos e categorias analíticas mobilizadas ao longo do trabalho, contemplando discussões acerca da Geografia Cultural, das dimensões do sagrado e do profano, do uso simbólico do espaço e da identidade cultural, bem como reflexões sobre a origem das Festas de Santo no Brasil e o contexto histórico-religioso da Paróquia de Nossa Senhora do Ó, no município de Nísia Floresta – RN.

Posteriormente, na seção de Caracterização da Comunidade de Currais, discute-se as principais características sociais e físicas do espaço analisado, articulando as dimensões do sagrado e do profano presentes na origem da capela e da Festa de São Sebastião, bem como a dinâmica sociocultural e as transformações ocorridas ao longo do tempo na festividade. Nesta mesma seção são apresentados relatos e apurações das informações coletadas, no qual subsidiam a elaboração dos resultados e das discussões desenvolvidas no estudo. Por fim, nas Considerações Finais apresenta-se uma síntese dos principais aspectos abordados ao longo do trabalho, construída a partir da análise dos resultados obtidos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nesta seção pretende-se apresentar os elementos teóricos e os procedimentos metodológicos, utilizados para execução da pesquisa. Além de elencar os principais fundamentos conceituais que serviram de aporte para embasamento de tal estudo.

2.1 REFERENCIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e etnográfica, com o objetivo de analisar as transformações e a dinâmica sociocultural interligada ao significado da Festa de São Sebastião, na comunidade de Currais, Nísia Floresta – RN. A opção por essa abordagem justifica-se pelo fato de que, conforme Prodanov; Freitas (2013, p. 70), a pesquisa qualitativa compreende “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números”.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa possibilita analisar de forma fidedigna o contato do ser humano com o espaço vivido, permitindo a compreensão das relações subjetivas estabelecidas pelos sujeitos sociais com o lugar. Essas relações são marcadas por hábitos, costumes e crenças, os quais se manifestam de maneira singular no espaço e conferem múltiplos significados à festividade analisada. Assim, o espaço é percebido sob diferentes perspectivas, evidenciando as mudanças e transformações socioculturais que incidem sobre a Festa de São Sebastião ao longo do tempo.

Ademais, conforme Severino (2014, p.104) a pesquisa etnográfica “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa”. Com isso a pesquisa organizou-se minuciosa em detalhes, optando pela descrição e explicação da história oral dos participantes.

A pesquisa também se organizou através do caráter descritivo, na medida em que se limitou a registrar e descrever os fatos observados, sem interferir sobre eles, tendo como objetivo caracterizar determinada população ou fenômeno, bem como identificar possíveis relações entre as variáveis analisadas. Paralelamente, o estudo também assume um caráter explicativo, ao buscar compreender os motivos e as causas dos fenômenos investigados, recorrendo ao registro, à análise, à classificação e à interpretação dos dados observados, com o intuito de explicar os processos que os constituem (Prodanov; Freitas 2013).

A pesquisa fundamenta-se na análise de conceitos como cultura, religião, espaço vivido, identidade e simbolismo, os quais constituem categorias centrais para a compreensão da temática proposta. Para tal, recorre-se às contribuições teóricas de diversos autores, destacando-se, inicialmente, Claval (1999), Zeny Rosendahl (1999; 2007), Roberto Lobato Corrêa (1999), Yi-Fu Tuan (1983), Dantas (2008) e Nascimento Neto (2005), cujas abordagens possibilitam aprofundar a leitura do fenômeno estudado. Esses referenciais teóricos subsidiam a interpretação das dinâmicas socioculturais e espaciais envolvidas, contribuindo para o esclarecimento e o melhor entendimento da proposta temática escolhida.

2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de quatro etapas de pesquisa voltadas à obtenção dos dados. O estudo foi estruturado de forma consecutiva por meio de revisão bibliográfica, da pesquisa de campo com observação participante, de realização de entrevistas informais, de pesquisa documental e, por fim, de aplicação de questionários físicos, de forma presencial.

O primeiro passo do percurso metodológico consistiu na revisão bibliográfica, na qual foram pesquisados e analisados autores e obras relevantes capazes de subsidiar a compreensão da temática abordada. Essa etapa teve como finalidade reunir contribuições teóricas significativas da Geografia Cultural, especialmente aquelas interligadas ao campo da religião, possibilitando a construção do referencial teórico e o aprofundamento conceitual acerca das categorias analíticas mobilizadas ao longo da pesquisa.

O segundo passo foi por meio da pesquisa de campo que se fundamentou na “observação participante” (Becker, 1994). Adotada como estratégia inicial para acompanhar a preparação da festa, bem como a participação nas celebrações e nos eventos cotidianos que antecedem o momento festivo. Tal procedimento teve como objetivo a obtenção prévia de informações empíricas e a familiarização com as práticas, dinâmicas e transformações que envolvem a festividade.

O terceiro passo do percurso metodológico consistiu na pesquisa documental, realizada a partir do contato direto com a comissão organizadora da capela, com o objetivo de localizar registros fotográficos e documentos que possibilitassem esclarecer aspectos relacionados à origem do templo e, posteriormente, da Festa de São Sebastião. Entretanto, conforme relato dos membros da comissão, os documentos físicos anteriormente armazenados na sacristia foram perdidos em decorrência de uma forte chuva ocorrida em anos anteriores. Diante dessa limitação, a pesquisa estendeu-se ao Centro Paroquial de Nossa Senhora do Ó, no município de

Nísia Floresta, na tentativa de obter informações complementares acerca da origem da Capela de São Sebastião.

2.2.1 Aplicação do questionário físico

A última etapa da coleta de dados consistiu na aplicação de um questionário estruturado, elaborado com perguntas previamente definidas, de modo a atender às demandas da temática investigada, bem como aos objetivos gerais e específicos da pesquisa. As entrevistas realizadas por meio do questionário tiveram duração média de 20 minutos por participante.

No que se refere à aplicação dos questionários, esta etapa aconteceu de forma escalonada entre os dias 03 e 10 de dezembro de 2025, contando com a participação de 20 moradores da comunidade de Currais. A escolha quantitativa de participantes da amostragem é justificada a partir de um ponto de saturação, no qual as informações começaram a ter repetições sistemáticas.

Desse total, 15 eram festeiros e moradores locais, sendo selecionados 10 jovens e adultos e 5 idosos, a diversidade etária foi considerada fundamental para uma compreensão mais precisa dos fatos ocorridos ao longo do tempo e para o atendimento dos objetivos propostos pela pesquisa. Os outros 5 participantes integravam a comissão organizadora da festa, contribuindo com informações relacionadas à preparação do evento, aos desafios enfrentados em sua realização e às perspectivas futuras da festividade.

O questionário destinado aos festeiros foi composto por 21 perguntas, enquanto a versão aplicada aos membros da comissão organizadora continha 29 questionamentos. Algumas entrevistas foram realizadas com o apoio de gravação de voz, por meio de aparelho celular pessoal, com o objetivo de assegurar maior precisão na coleta das informações. Os relatos obtidos, especialmente a partir das vivências dos idosos, possibilitaram o resgate de memórias e contribuições relevantes acerca da origem da festividade e da dimensão simbólica do templo sagrado na comunidade, permitindo, assim, a identificação das variáveis que permeiam a manifestação cultural no lugar.

Ressalta-se que os entrevistados foram previamente informados sobre o procedimento, manifestando concordância e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conformidade com as normas éticas estabelecidas. Assim vale também salientar que os relatos dos moradores utilizados sob a forma de citações diretas foram identificados por meio de pseudônimos, inspirados em santos da Igreja Católica, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, conforme previsto nos princípios éticos da pesquisa.

Quanto à formulação dos questionários, foram elaboradas perguntas relacionadas também à origem e às transformações da festa, bem como à dinâmica sociocultural que se estabelece em torno dela. As questões também buscaram estimular os relatos das vivências no lugar, abordar aspectos referentes à organização atual da festividade e captar as percepções dos participantes acerca de seu comportamento e continuidade ao longo do tempo.

Após o período de aplicação dos questionários presenciais, os dados coletados foram transcritos e organizados em pastas, passando a constituir como fonte primária para análise do objeto de estudo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção fundamenta-se as discussões da Geografia Cultural, partindo da análise da sua origem e do desenvolvimento dos estudos ao longo do tempo. Esse campo que compreende o espaço como produto das relações simbólicas, materiais e imateriais construídas pelos grupos sociais, conforme destacam Claval (1999), Rosendahl (1999,2007) e Corrêa (1999,2018). A partir dessa perspectiva, conceitos como espaço vivido, paisagem cultural e identidade tornam-se essenciais para compreender como as práticas sociais, religiosas e culturais ressignificam o território e expressam diferentes formas de apropriação do espaço. Sobre a cultura e os símbolos, autores como Yi-Fu Tuan (1983), bem como Castells (1998, *apud* Haesbaert, 1999) e Bonnemaïson (1981, *apud* Rosendahl, 2007) sustentam que esses elementos estruturam experiências individuais e coletivas, produzindo significados que se manifestam na organização espacial, nas tradições e nos modos de vida.

No âmbito específico da Geografia da Religião como particularidade de estudo da Geografia Cultural, destaca-se a distinção entre espaço sagrado e profano. Neste contexto, se destacam autores como Rosendahl (1999,2007), Capalbo (1999) e Mauss (1979, *apud* Rosendahl, 2007), dialogando que o sagrado é marcado pela manifestação simbólica e ritualística, enquanto o profano representa o cotidiano que circunda e complementa as práticas religiosas.

No ensejo das festas de santo, estudadas por autores como Nascimento Neto (2005), Loureiro e Alencar (2024) e Amaral (1998, *apud* Dantas, 2008), revelam-se como expressões socioculturais complexas que articulam tradição, identidade, devoção e dinâmica comunitária. Essas celebrações, historicamente vinculadas ao catolicismo popular no Brasil, transformam paisagens, reforçam pertencimentos e criam geossímbolos que se perpetuam no imaginário coletivo. Dessa forma, os aportes teóricos apresentados sustentam a análise para o entendimento do estudo das transformações ocorridas na Festa de São Sebastião na comunidade de Currais, permitindo compreender sua relevância cultural, simbólica e espacial.

3.1 ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA.

A Geografia Cultural, enquanto campo de estudo, teve seu desenvolvimento inicial na Europa, em meados do final do século XIX, sendo posteriormente reformulada a partir de uma nova postura norte-americana. Nesse contexto inicial, os debates concentravam-se sobretudo na natureza da Geografia e em sua posição frente às demais ciências. Com o passar do tempo e

diante das profundas transformações ocorridas no espaço vivido, a Geografia Cultural tradicional passou por um período de relativo desprestígio, especialmente entre as décadas de 1940 e 1970, o que impulsionou a necessidade de revisões teóricas e metodológicas no interior da disciplina (Rosendahl; Corrêa, 1999).

Na Geografia Tradicional, Carl Sauer destaca-se como um dos principais formuladores da chamada Geografia Cultural clássica, ao propor a paisagem como resultado da ação humana sobre o meio natural. Para Sauer, a cultura atua como agente modelador do espaço, transformando a paisagem natural em paisagem cultural por meio das práticas econômicas, técnicas e simbólicas desenvolvidas historicamente pelos grupos humanos. Essa abordagem valoriza a descrição detalhada, o trabalho de campo e a análise histórica como caminhos para compreender a diversidade das formas espaciais, enfatizando a materialidade da cultura inscrita na paisagem. Embora priorize os aspectos visíveis e concretos do espaço, a contribuição de Sauer foi fundamental para consolidar a cultura como categoria central na análise geográfica, influenciando gerações de geógrafos e abrindo caminho para os debates posteriores da Nova Geografia Cultural (Sauer, 1998).

O declínio da geografia cultural tradicional, segundo Claval (1999), está relacionado a mudanças profundas nos modos de compreender a cultura e a organização da vida social. Tornou-se cada vez mais insustentável analisar as culturas sem considerar as representações, as crenças e as opiniões que orientam as práticas sociais, o que exige uma reflexão teórica mais sistemática para que a disciplina recupere sua legitimidade científica. Além disso, o avanço acelerado das técnicas, têm provocado a padronização dos utensílios e equipamentos, reduzindo ou mesmo eliminando a diversidade material que antes fundamentava os estudos dos aspectos técnicos das civilizações, eixo central da geografia cultural clássica. Somam-se a isso as transformações no espaço urbano, onde a crescente diversificação das atividades enfraquece a noção de “gêneros de vida”, tornando-a cada vez menos convincente como categoria explicativa da realidade contemporânea.

A Nova Geografia Cultural, conforme sistematizada por Paul Claval (1999), representa um deslocamento teórico-metodológico significativo no interior da Geografia, ao ampliar o foco de análise para os sistemas simbólicos, as representações, os valores e as práticas culturais que orientam a produção do espaço. Diferentemente da geografia cultural clássica, centrada sobretudo nos aspectos materiais da paisagem, o referido autor propõe compreender a cultura como um conjunto de significados compartilhados que estruturam as relações sociais e moldam as formas de apropriação e vivência do território. Nesse sentido, o espaço deixa de ser apenas suporte físico para tornar-se uma construção social carregada de sentidos, onde crenças,

tradições, rituais e identidades coletivas desempenham papel fundamental na organização espacial e na experiência cotidiana dos grupos humanos (Claval, 1999)

De acordo com a análise de Corrêa (1999, p. 49), “a partir de 1970 a Geografia Cultural ressurge como importante subcampo da Geografia, reavivando-se o interesse pela dimensão cultural do espaço”. Nesse contexto, consolidam-se novas formas de abordagem desse ramo, posteriormente denominada Nova Geografia Cultural, reafirmando a ideia na qual o território deixa de ser compreendido apenas como o suporte físico das atividades humanas e passa a ser concebido como espaço vivido, impregnado de identidades, significados, crenças e práticas sociais.

Essa renovação nos estudos culturais é caracterizada, segundo Claval (1970 *apud* Rosendahl; Corrêa, 1999, p. 8), “por incluir, além dos estudos sobre a dimensão material da cultura, caracterizadora da fase inicial da geografia cultural (1890-1940), os estudos sobre a dimensão não material da cultura”. Um dos reflexos das mudanças apontados pelo referido autor é a ampliação dos temas estudados. Neste sentido, “Temas como a religião e o significado das diversas manifestações culturais são adotados por matrizes não-positivistas da ciência.” (Claval, 1970 *apud* Rosendahl; Corrêa, 1999, p. 8).

No Brasil, um marco importante para o desenvolvimento dos estudos a respeito das relações entre espaço e cultura foi a criação, em 1993, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC). Tendo como base a elaboração de debates, seminários, cursos e publicações, o núcleo de pesquisas vem se destacando pela publicação de pesquisa voltadas para temas diversos, como espaço e religião, espaço e cultura popular e espaço e simbolismo. Outro exemplo das contribuições desse grupo foi a criação de uma coleção de livros denominada Geografia Cultural, resultado do trabalho conjunto entre o NEPEC e o Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como seus idealizadores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa.

Denis Cosgrove, geógrafo austríaco e idealizador da Revista *Ecumene*, é apontado como um dos precursores da chamada “Nova Geografia Cultural” (Corrêa; Rosendahl, 1999). Uma das suas contribuições está centrada na análise das mudanças ocorridas nos debates culturais e das possibilidades em que chega a Geografia Cultural a partir dos anos 2000. Sobre o pensamento de Cosgrove (Corrêa; Rosendahl, 1999, p. 10-11):

Cosgrove aponta alguns temas para estudo: localização, situação e mobilidade do conhecimento; espacialidade e meio ambiente, corporificação e a crítica da visão. São temas que desafiam a imaginação geográfica e a capacidade dos geógrafos de reinterpretar um mundo que no milênio, está em profundo processo de uma complexa transformação.

Diante do exposto, observa-se as transformações no campo de estudo da cultura, pois a partir da incorporação e da abertura de margem para análise referente ao ser humano não só como modelador do espaço físico, como também agente transformador, que é dotado de significados e identidade. À medida em que o tempo passa, novas relações sociais se estabelecem, a paisagem e os costumes requerem mudanças de localidade para localidade e as condições de vida também são variáveis em todo o mundo.

Adota-se, portanto, uma perspectiva de particularidade e variabilidade no estudo da Geografia Cultural frente a análise do espaço. Neste sentido, Corrêa (1999, p. 51) afirma que “O ressurgimento da geografia cultural se faz num período pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo”.

De acordo com a revista *Géographie et Cultures* (1992 *apud* Rosendahl; Corrêa, 1999), em seu primeiro módulo é destacada a necessidade de uma reformulação do conceito de cultura, considerando a ampliação de suas ramificações e as novas complexidades temáticas que passaram a ser percebidas ao longo de sua trajetória histórica e analítica. Conforme ressaltado por Corrêa (1999, p. 52), o conceito de cultura é redefinido, passando a ser entendido sob uma perspectiva multifacetada:

Como o “conjunto de técnicas, atitude, ideias e valores”, apresentando assim “componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos; “transmitido e inventado”; não sendo constituído pela “justaposição de traços independentes”, mas ao contrário “seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes”; não sendo assimilado igualmente pelos membros de uma sociedade; “vivido individualmente”.

Em meio ao aprimoramento dos estudos da Geografia Cultural, o conceito de espaço vivido, tornou-se referência para diversas análises, no que diz respeito às diversificações contidas no espaço geográficos e suas implicações. Sobre o referido conceito, Tuan (1983) afirma que o espaço se torna lugar à medida que é dotado de valor. O que começa como espaço indiferenciado torna-se lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de significado. Ainda de acordo com Tuan (1983), o espaço se torna lugar a partir do momento em que é habitado, criando-se um espaço novo provido de identidade, afetividade, história e respeito.

Em consequência das mais diversas mudanças no conceito de cultura, Corrêa (2018, p. 221) atribui o exercício da expressão como reflexo simultâneo do meio e condição social. A partir daí Jackson (1989 *apud* Corrêa, 2018, p. 222) complementa o entendimento de cultura

como “mapa de significados”, onde pode se atribuir considerações distintas a partir de um mesmo fenômeno, tomando como base a interpretação.

White (1973 *apud* Corrêa, 2018, p. 223) aponta que “Todo comportamento humano é comportamento simbólico, todo comportamento simbólico é comportamento humano”. Nesta expressão paradoxal incita ainda mais a questão do significado (símbolos) associado as ações humanas na superfície na Terra. Salomon (1955 *apud* Corrêa, 2018, p. 223) reforça que “o homem vive em uma floresta de símbolos socialmente criados, que expressam significados, associados às diversas dimensões da vida”.

Quando retrata as formas simbólicas no espaço, Corrêa (2018) ressalta a realização de uma nova dinâmica de “fixos e fluxos”, no qual os termos se constituem respectivamente a partir de localizações imóveis e seus itinerários rotativos interligados ao contexto simbólico do espaço. Na vivência cotidiana, elementos inerentes aos termos podem ser percebidos com notoriedade, como é o caso das igrejas, capelas e santuários, que se utilizam de espaços fixos públicos de forma física e estática como símbolo de manutenção da fé para os fiéis que visitantes. Nestes espaços simbólicos podem acontecer diversos acontecimentos religiosos como: orações, celebrações, missas, romarias, procissões etc; onde se destaca o movimento e fluxo se pessoa em torno dessas manifestações.

A partir de outra perspectiva, Berque (1998 *apud* Corrêa, 2018, p. 228) analisa as relações entre formas simbólicas e espaços como uma reprodução simultânea entre “matriz e marca ou marca e matriz”. Estes conceitos mantem relação intrínseca, a marca refere-se as inscrições materiais construídas pelo homem e a matriz corresponde as impressões ou conjunto de valores, significados, crenças e práticas culturais exercidas no espaço. Como exemplo prático destaca-se o São João no Brasil que está logo associado a Região do Nordeste brasileiro, pela cultura de arranjos e ornamentação junina, pelo forró, por comidas e danças típicas e pelo significado construído ao longo do tempo; assim como a capela e Festa de São Sebastião está logo associada a comunidade de Currais, tomando como base a experiência vivida e a percepção dos moradores do local. Nos dois exemplos as marcas e matrizes se afirmam de forma contundente.

Em decorrência da descrição parcial da origem histórica e evolução nos estudos da Geografia Cultural no Brasil, além da análise em conceitos como espaço vivido é requerida maior atenção para questões associadas a Geografia da Religião, na qual o projeto pretende analisar de modo particular, partindo do princípio da cultura brasileira, entre os espaços sagrados e profanos.

3.2 A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: OS ESPAÇOS SAGRADOS E OS ESPAÇOS PROFANOS.

Na perspectiva de Simondon (1969 *apud* Rosendahl; Corrêa, 1999), a religião pretende se espelhar em Deus como ser totalitário, detentor de toda bondade e poder. Nesta perspectiva, a crença religiosa se organiza como algo sagrado, que se torna caminho para aproximação com uma divindade suprema, através de ações práticas que envolvem a ética e moral do ser humano. No caso da religião Católica Apostólica Romana, pode-se fomentar por exemplo: a criação dos dez mandamentos, que se estabelece como um conjunto de regras ou dogmas, no qual tem o intuito central de edificar o homem e a sociedade por meio de comportamentos que os façam melhores e conseqüentemente o aproximem de Deus por meio das boas ações.

Refletindo sobre a religião, Capalbo (1999, p. 224-225) considera:

A religião tem por objetivo representar a totalidade do sujeito em Deus e a totalidade prática de normas para a ação, justificadas pelo imperativo moral e sobre a égide do dogma das instituições religiosas. A religião é vista, partir daí, como um conjunto de atos rituais que se referem ao sagrado, distinto do profano, e destinados a posicionar o homem em sua relação com Deus. A crença religiosa constitui uma atitude intelectual e moral que se insere numa dada sociedade com suas regras e ritos.

No que tange o exercício da fé, Mauss (1979 *apud* Rosendahl, 2007, p. 207) se refere aos rituais cotidianos vividos nos espaços sagrados, como “um conjunto de práticas legitimadas por normas e tradições consolidadas”. Essas ações religiosas manifestam-se de modo cerimonial, em que os símbolos sagrados despertam motivações que reafirmam a harmonia com divino e conseqüentemente servem de base para a manutenção e fortalecimento da fé.

Na interação entre a religiosidade e os fenômenos inerentes a religião, Oliveira (1999), notou a existência de diferenças concomitantes entre as duas dimensões, tal como expressa na seguinte afirmação:

Distingue a religiosidade de fenômenos propriamente religiosos, sobretudo porque estes supõem uma certa institucionalidade, enquanto aquela “expressaria a experiência religiosa em seu estado original”. Ele define a religiosidade como sendo “o conjunto de disposições referentes ao sagrado antes que estas sejam socialmente elaboradas e socializadas”. A experiência religiosa, que propiciaria a produção ou a mobilização da energia interior, diferente da energia física, pode ser associada à ideia de espiritualidade. (Oliveira, 1999 *apud* Dantas, 2008, p. 22).

De acordo com Rosendahl (1999), a concepção religiosa se organiza a partir de duas dimensões sistemáticas. A primeira dimensão é o Sagrado, isto é, quando uma parte está situando o divino, encontrado principalmente em templos religiosos (capelas, igrejas, santuários, etc.), utilizando de rituais e práticas para fortalecimento da fé, de acordo com a sua doutrina. Já a segunda dimensão é o Profano, que se estabelece pelo convívio no cotidiano, com vinculação diretamente ou indiretamente relacionada ao lugar sagrado, nos bares, shows, quermesses, bingos e outras dinâmicas ocorridas no espaço. Evidencia-se a seguir:

De acordo com inúmeros estudos clássicos qualquer concepção religiosa do mundo implica na distinção entre sagrado e profano. De imediato reconhece-se a dicotomia que existe entre os termos. O sagrado se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo, não. A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvem, consideradas profanas. (Rosendahl, 1999, p. 231)

Ao analisar a dinâmica dos centros de peregrinação, Rosendahl (2007, p. 209) reforça sua reflexão ao considerar que, nesses espaços, inseridos em múltiplos contextos culturais, estabelece-se uma relação mútua e análoga entre os acontecimentos, os quais tendem a se repetir de forma relativamente uniforme. Nessa perspectiva, é possível identificar, em cada centro de peregrinação, a presença do espaço sagrado, marcado por uma sacralização notória e pela valorização da materialidade do bem simbólico, e, em contrapartida, o espaço profano, que se manifesta no entorno desse núcleo e se caracteriza pela ausência do elemento sacral.

A autora destaca ainda que o espaço profano mantém vínculos distintos com o espaço sagrado, os quais podem ocorrer de forma direta, quando a articulação entre ambos é evidente e estreitamente relacionada ao sagrado; de forma indireta, quando se insere no cotidiano e nos espaços de convivência; e de forma remota, quando se apresenta como uma realidade adversa ao sagrado (Rosendahl, 2007).

A partir da análise de Rosendahl (2007), o Sagrado e Profano assumem relevante significado quando associados a dimensão do lugar. Apropriando, organizando e discutindo assuntos inerentes a vinculação dos determinados setores. Dentre os fatores analisados pela autora estão: a difusão da fé, comunidade e identidade religiosa; percepção, vivência e simbolismo; paisagem religiosa e cultural etc.

O espaço sagrado, seguindo a perspectiva de Rosendahl (1999), aparece como meio de elevação pessoal que parte do intermédio entre o humano e o divino, e conseqüentemente como transporte do espaço comum vivido para outra dimensão espiritual de identificação. Neste sentido,

Rosendahl (1999, p. 233) afirma que “o espaço sagrado reflete a percepção do grupo religioso envolvido”. A autora complementa ressaltando que “o ritual pelo qual o homem sacraliza o espaço é eficiente à medida que produz a obra dos deuses. As estruturas simbólicas resultantes são definidas e caracterizada pela cultura do grupo envolvido” (Rosendahl, 1999, p. 234).

A respeito dos significados remetidos ao contexto do Espaço Sagrado, Rosendahl (2007), a partir de diversos autores, descreve que este pode ser percebido como felicidade, ou ainda através de uma diversidade de emoções, como o “divino” que atinge as extremidades da alma individual, ou como a representação coletiva da sociedade no espaço. A referida autora acrescenta que o sentido do reconhecimento de lugares sagrados não se constitui apenas como espaço intermediário de comunicação, mas também como fornecedores de preceitos e significados com que os grupos se identificam e criam relações em decorrência da prática religiosa.

Ainda sobre a dimensão do Espaço Sagrado, Rosendahl (1999) afirma que existem dois tipos de elementos fundamentais na sua caracterização. O primeiro elemento, portanto, denomina-se como “ponto fixo” ou local onde acontece a hierofania, espaço esse que o sagrado se manifesta de forma intensa; já o segundo tipo é identificado como o entorno do ponto fixo, estabelecido como área de vivência para o cristão realizar as práticas religiosas.

A noção de Espaço Sagrado, como já foi visto, está muito associado a questão do lugar físico de veneração. Contudo, Park (1994 *apud* Rosendahl, 1999, p. 235) ressalva que o espaço sagrado não está necessariamente relacionado ao território, portanto se insere a ideia de espaço sagrado móvel. Neste contexto, ele ressalta a objetividade de não se render a padrões estáticos de veneração, partindo do princípio de que todo espaço pode ser sagrado à depender da ação simbólica dos indivíduos.

Como ocorre nas festas de padroeiro, a Festa de São Sebastião, realizada na comunidade de Currais, constitui-se como um exemplo de celebração que segue uma lógica ritualística repetida anualmente, marcada inicialmente pela procissão com o estandarte do padroeiro na abertura da festividade, a qual percorre a rua principal da comunidade, anunciando e convidando os moradores ao longo de seu trajeto. A programação prossegue com a realização do tríduo e culmina na celebração da santa missa votiva no dia dedicado ao santo. Nesse contexto, estabelece-se a concepção de mobilidade do espaço sagrado, uma vez que a comoção religiosa não se restringe à capela existente na comunidade, manifestando-se também nas residências dos fiéis e ao longo das procissões realizadas nas vias públicas.

De acordo com Rosendahl (2007), frequentar uma religião implica aptidão por viver uma experiência contida na liturgia, no trajeto ao lugar sagrado ditado por um espaço-tempo também sagrado. Assim, cria-se um calendário litúrgico de festas religiosas, que servem como

um reforço para o fortalecimento da fé cristã; para reestabelecer o sentimento de pertencimento à instituição religiosa e remeter a identidade simbólica das diversas comunidades.

3.3 DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E SUAS REPRESENTAÇÕES.

Ao admitir que os diversos elementos materiais contidos no espaço geográfico carregam simbolismos, a Geografia amplia suas possibilidades de análises. Dessa forma, os lugares sagrados deixam de ser apenas um espaço de conjuntos de atos ou informações diretas e objetivas, e passam a ser compreendidas também pelas experiências vividas pelas pessoas (Rosendahl, 2007, p. 189). Com isso, o uso simbólico do lugar sagrado tende a ser considerado a partir das experiências subjetivas e individuais do homem, acarretando numa relação particular e íntima, estimulada através dos anseios pretendidos e adquiridos por meio da fé.

O estudo geográfico dos bens simbólicos dotados de valor econômico e cultural, pretende, por conseguinte, direcionar-se sob a perspectiva do mercado e da religião, considerando a capacidade que a instituição religiosa possui de atender as necessidades dos devotos, como amparo e cura para as enfermidades físicas e psicológicas, discernimento para lidar com as adversidades financeiras afetivas etc, (Rosendahl, 2007, p. 192). Sendo assim, a contribuição individual e o trabalho coletivo em prol das atividades religiosas também são compreendidas pelo simbolismo da ação cooperativa, quando relacionadas aos anseios pessoais, bem como o cumprimento de promessas associado aos santos e o serviço prestado a igreja nas suas mais variadas programações, pode ser entendida como uma forma de “moeda de troca”, na medida em que transforma o bem simbólico muito mais significativo do que financeiro.

No que se refere a mediação entre o homem e o espaço, Bonnemaison (1891, *apud* Rosendahl, 2007, p. 194) considera que “O espaço assume uma dimensão simbólica e cultural onde se enraízam seus valores e através do qual se afirmar a sua identidade”. Nesta reflexão, o autor descreve de forma direta, a transformação e desconfiguração do espaço quando o lugar é utilizado de maneira expressiva e significativa. É o caso das Igrejas e Capelas, mais precisamente no recorte temporal das festas de santo, onde as comunidades revivem a tradição e participam de forma efusiva do evento, reafirmando a identidade e o apreço pela programação e data comemorativa.

No mesmo sentido, Sack (1986 *apud* Rosendahl, 2007, p. 195) afirma que “a concepção do território religioso católico pode ser reconhecida pela igreja-matriz e sua área de abrangência”. Nesse caso, pode-se observar a questão da hierarquia dos centros sagrados como território. Quando se analisa as festas das comunidades, por exemplo, associa-se logo a Capela

em relação a sua Matriz (Paróquia), que aparece como representante também do espaço e que participa de todas as etapas de regulamentação da festividade.

Segundo Rosendahl (2007, p. 194) “a fé é individualmente vivenciada de forma diversa, numa relação direta entre uma só divindade e o crente; a experiência religiosa coletiva se torna verdadeiramente partilhada quando as crenças, as atitudes e as interpretações simbólicas adquirem uma forma comunitária”. Assim o espaço se torna unilateral quando as partes envolvidas cooperam para o mesmo objetivo e, nesse caso, a fé assume considerável reconhecimento e autonomia nas relações interpessoais, criando tradição e identidade aos determinados grupos.

Referente ao conceito da paisagem simbólica Bonnemaison (1981 *apud* Rosendahl 2007, p. 215) entende por uma “estrutura visível, na qual a mensagem que nela se escreve em termos geossimbólicos¹ reflete o peso do sonho, das crenças, dos homens e de sua significação”. Assim quando se trata do espaço sagrado, ao vivenciar momentos especiais naquele lugar, os cristãos agregam significados, anseios, promessas e devoção na mesma proporção, onde pode ser compreendida a partir daí a paisagem religiosa.

No que confere as impressões simbólicas vividas no espaço e a participação efetiva na construção da paisagem, Berque (1998 *apud* Rosendahl, 2007, p. 202) identifica dois modos que podem exemplificar a análise da paisagem em decorrência da prática religiosa no espaço. Ou seja, quando se é compreendida tanto como resultado da experiência religiosa manifestada no espaço, quanto como elemento gerador dessa mesma experiência simbólica que nela se expressa.

Ainda sobre a paisagem religiosa, Park (1994, *apud* Rosendahl, 2007 p. 216) afirma que as “capelas e santuários de beira de estrada são exemplos de elementos religiosos de alto valor cultural. São dedicados à Virgem Maria e aos santos padroeiros, e comuns em áreas católicas romanas e algumas áreas cristãs ortodoxas orientais”. De acordo com a afirmação, pode-se notar a questão da associação do território a prática histórica e cultural do Catolicismo, a partir da análise das capelas construídas as margens de estradas que são consideradas de grande valor simbólico e identitário.

3.4 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DAS FESTAS DE SANTO NO BRASIL.

No que compreende o processo de colonização do Brasil, pode-se considerar que as raízes do território brasileiro estão logo associadas a inserção da religião católica, quando

¹ Quanto a explicação dos geossímbolos, Bonnemaison (1981 *apud* Rosendahl p. 215) relata que “pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

através da catequese e da estrutura eclesiástica, foi parte essencial desse processo de organização sociocultural, desta maneira funcionou como instrumento de dominação cultural, político e ideológico sobre os povos indígenas e sobre a formação da sociedade colonial brasileira. Sendo assim, Holanda (1995) retratara o período evidenciado como um dos mais poderosos instrumentos de penetração e domínio português, ou seja, ele assimila que quando os desbravadores portugueses adentraram, além de se apropriarem das terras brasileiras, impuseram um modelo cultural religioso que reverbera e se reproduz parcialmente até os tempos atuais.

No que tange à representação do espaço vivido e a contextualização da construção do identitário religioso a partir do modelo colonizador imposto, Castells (1998 *apud* Haesbaert, 1999) manifesta aversão ao modelo mercantilista imposto pela comunidade hegemônica, supracitada pela ganância e pelo anseio desordenado do consumismo, ofertando por sua vez maior atenção para recortes temáticos como identidade religiosa, regional e étnica, como expressa a seguir:

Quem quer compreender hoje a política deve começar por se inclinar não sobre a economia ou a geopolítica, mas sobre a identidade religiosa, nacional, regional e étnica de cada sociedade. (...) A construção da vida, das instituições e da política em torno de identidades culturais coletivas é historicamente a regra, e não a exceção. A exceção, na verdade, são as sociedades forjadas a partir dos Estados-nações, que surgiram a favor do capitalismo e do estatismo na época industrial e que se estenderam a todo o planeta em sua expressão colonial. (Castells, 1998 *apud* Haesbaert, 1999, p. 170).

As festas religiosas em reverência aos santos católicos, por sua vez, foram inseridas posteriormente, ainda no século XVI, pelos Padres Jesuítas. Eles mantinham a máxima de que os ideais do Catolicismo deveriam ser propagados e ainda mais aceitos pelos povos originários, concomitantemente contribuía para o intento de afirmar-se como uma potência colonizadora de maior expressão. (Priore, 1994; Moura, 2018 *apud* Loureiro; Alencar, 2024, p. 160).

De acordo com o estudioso analista das festas religiosas do Seridó Potiguar, Nascimento Neto (2005 p. 26) “As festas coloniais funcionavam como vitrine de exposição do ‘caldo cultural’ efervescente na Colônia e posteriormente no Império, e neste contexto, surgiram as instituições ligadas à Igreja para uso e controle das festas”. Dessa maneira, as festas religiosas remontaram um contexto cultural no qual havia diversas formas e expressões de cultura, as quais foram redesignadas a uma nova abordagem que se impunha a época e que se perpetua como costume e tradição até a atualidade.

Consequentemente, em virtude do catolicismo popular difundido efusivamente na época e contrário aos parâmetros oficiais da igreja, emergiria um modelo de festividade no qual simboliza a interação de variadas etnias associadas a expressões que se estabeleceram através de práticas religiosas como: novenas, terços, promessas e romarias. Procedimentos estes que continuam presentes no seio das festas religiosas no Brasil e detém grande valor simbólico no imaginário dos fiéis católicos, Nascimento Neto (2005, p. 28).

No que compete a caracterização e os objetivos dos rituais referentes ao princípio das festas de santo no Brasil, Loureiro e Alencar (2024, p. 160) ressaltam que as características dos ritos inicialmente desenvolvidos objetivavam transmitir “as características sagradas e o poder dos santos homenageados por operarem milagres. Simultaneamente, reforçavam-se dogmas cristãos e introduziam-se elementos da cultura europeia aos nativos”. No contexto inserido anteriormente, é perceptível que a essência das festas de santo condiz tradicionalmente com o que é vivenciado até os dias atuais, em que muitos veem a festividade como forma de buscar ou agradecer os milagres concedidos e a busca incessante pela realização dos seus anseios individuais.

Nas celebrações referentes ao calendário litúrgico e no contexto dos cultos católicos, é possível notar a inserção de cantos e manifestações auditivas. Sobre esses aspectos, Mauss (1979 *apud* Rosendahl, 2007 p. 214) entende que “os rituais em forma de música, cantos, envolvendo outras formas de declamar a prece religiosa, são considerados eficazes porque ‘o mundo vivido e o imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas’”. É interessante considerar que quando a música é inserida nas festas religiosas dos santos, a melodia com que o hino em reverência ao padroeiro é cantado pode ser símbolo de identidade da comunidade cristã, quando por muitas vezes aquela canção só é performada naquele período festivo, onde se associa de imediato o espaço temporal que está sendo homenageado.

Sobre o acontecimento dessas festas, Claval e Durckheim (2014, 2008 *apud* Loureiro; Alencar, 2024, p. 160) reforçam que elas acontecem em um período de tempo e espaço já estipulado, no qual é estabelecida pela combinação corroborativa entre rituais da liturgia e paraliturgia. Os rituais evidenciados são denominados como sagrado e profano, no qual um é normatizado pela igreja católica e o outro é realizado de modo não formal e não sacralizado respectivamente.

Nesse período de espaço e tempo festivo, os ambientes públicos nos quais a celebração adentra tomam grande significado à medida em que experiências são vivenciadas e por consequência se tornam momentos expressivos de lembrança coletiva ou individual que marcam toda uma história e se perpetuam pelo tempo. Nora (1993, *apud* Oliveira, 2023, p. 36) afirma que esses lugares seriam espaços onde a memória está presente, podendo ser em forma

de lugar material, patrimônio material ou até mesmo imaterial, sendo assim pode-se considerar celebrações ou comemorações alusivas que envolvem a identidade e comoção social católica, como exemplo próprio das festas de santo.

Quanto a efervescência e comportamento dessas festividades no decorrer do tempo, Cavalcanti (2000, *apud* Loureiro; Alencar, 2024, p. 161) observa que elas representam manifestações culturais em estado de constante transformação, onde tem a capacidade de se adequar aos mais variados contextos, sejam eles: social, econômico cultural ou político.

Segundo Priore (1994, *apud* Dias, 2017, p. 63), “a festa constitui-se, ao mesmo tempo, uma expressão teatral, um ato político e religioso que possibilitam partilha de sentimento e de conhecimentos”. Nesse sentido, a festa se apresenta como um conjunto de fatores que propicia um melhor entendimento à respeito da dinâmica social, representativa e cultural de determinado “lugar”, ao qual Santos (1999), em outra abordagem, define como quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, das ações e dos significados.

Quanto as definições de festa, as contribuições inerentes ao contexto são diversas. Nascimento Neto (2005, p. 18) pontua que a festa “seria uma reunião com fins de divertimento, uma comemoração ou solenidade. Mas, a festa se expande além dessa simples conceituação. Observadas como manifestações culturais, fazem parte do contexto do homem, desenvolvidas no coletivo social.”

Ao contextualizar a relação entre festa religiosa e o espaço vivido, Nascimento Neto (2005, p. 21) evidencia que o “ato de festejar promove convite aos indivíduos de uma coletividade a romper o cotidiano de suas funções.” Sendo assim, a festa religiosa evoca outra dimensão que não é a normalidade rotineira do dia a dia, convida os fiéis a vivenciar a bonança que é o espaço e tempo litúrgico de comemoração ao santo padroeiro, bem como contribui para a renovação de votos e agradecimento aos pedidos já concedidos pelo divino.

Amaral (1998, *apud* Dantas, 2008, p. 17-18) relaciona as festas de santo sob a perspectiva da dinâmica sociocultural criada em entorno, assim é possível que:

[...] Nelas estão presentes os anseios, as crenças, as expectativas e os valores dos grupos e dos indivíduos; foram e são responsáveis pela mistura de gostos, corpos, raças, arte, costumes, mitos, enfim, assumiram importância na construção de solidariedades que se mantiveram durante o decorrer da história, dando continuidade ao desenho dos traços da cultura brasileira. Por se tratar de um evento englobante, os indivíduos e grupos nelas envolvidos dão sentidos diversos a esses festejos, uma vez que podem festejar acontecimentos, afirmar identidades, reatualizar tradições e mitos, gerar

renda, criar novas formas de expressão, dramatizar situações e afirmações de um grupo cultural. [...]

Dessa forma, considera-se que as festas religiosas vão muito além de um acontecimento tradicional e que acontece todo ano. Essas festas se transformam em identidade social carregada por emoção e comprometimento, espaço de convívio interligado a diversidade humana sem distinções em sua participação; criam-se memórias, mobiliza-se o contexto da dinâmica social e fortalece a fé nas suas mais variadas maneiras de celebração, seja no espaço sagrado ou nas festividades sociais (profanas) do entorno, cada qual com seu modo de comemorar o acontecimento tradicional.

Como será visto mais adiante, a festa de São Sebastião em Currais, como também em muitas outras comunidades e distritos de Nísia Floresta ou outras cidades brasileiras, seguem um modelo tradicional fundido através do sagrado, que se entende pelo compromisso da Igreja na elaboração de celebrações e rituais em alusão e reverência ao santo padroeiro da localidade no espaço sagrado, e através do profano que visa o convívio social festivo, à parte do sagrado, que estimula uma série de acontecimentos que envolvem a festa além da sacralidade.

Quando se trata das festas religiosas associadas em louvar aos santos(as) padroeiros, Nascimento Neto (2005) afirma que os festejos estão espalhados por todo o território brasileiro, podendo ser perceptíveis tanto em nível nacional quanto local. No que compete a visibilidade gerada em torno desses eventos anuais, o autor evidencia a veracidade da divulgação que é contemplada pela sociedade, onde muitos estão ali motivados pela fé ou por outros fatores diversos (econômicos, sociais ou culturais), no qual propagam e consolidam a tradição da festa.

Em função das festividades religiosas difundidas pelo Brasil afora, faz-se necessário citar algumas que ganharam proeminência no cenário atual e que se reafirmaram em virtude do tempo. Merecem ser mencionadas as festas de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte (SP), padroeira do Brasil; Nossa Senhora da Penha e São Sebastião do Rio de Janeiro; Nossa Senhora da Conceição da Praia e o Senhor do Bonfim, em Salvador (BA); Nossa Senhora de Nazaré (Círio de Nazaré), em Belém (PA).

No Rio Grande do Norte as festas de Nossa Senhora da Apresentação, padroeira da cidade do Natal; Santa Luzia, na cidade de Mossoró; Sant'Ana, padroeira da Diocese de Caicó, no Seridó potiguar são dignas de menção a nível estadual (Nascimento Neto, 2005).

De acordo com Nascimento Neto (2005, p. 59) “a influência e interferência dos(as) santos(as) estão ligadas ao cotidiano por práticas devocionais. Os(as) santos(as) lembrados e reverenciados, tomam parte da vivência familiar, dos negócios e do lugar.” Em decorrência

disso nota-se que há uma espécie de relação contínua entre o santo e o povo cristão praticante, mesmo após o espaço festivo litúrgico. A regularidade da participação dos rituais no dia a dia, aparece de modo trivial a manutenção da fé e na busca da realização de novos anseios.

Quando se trata da realização das festividades dos santos católicos e a dinâmica sociocultural criada no entorno dos espaços sagrados. Corrêa (1989, *apud* Rosendahl, 2007, p. 193) compreende que “mesmo sendo de natureza distinta, estão localizadas juntas umas das outras, formando um conjunto coeso que pode induzir o consumidor a comprar outros bens que não faziam parte do seu propósito”. Ou seja, a venda de artigos diversos que estão situados nas proximidades dos santuários, igrejas, capelas ou etc; acabam sendo consumidas e relacionadas indiretamente ao sagrado, fortalecendo financeiramente a comunidade cristã nas suas determinadas culminâncias e contribuindo simultaneamente com os propósitos individuais.

Para Nascimento Neto (2005), partindo dos estudos sobre as pequenas cidades do interior do Seridó potiguar, assimila que o padre assume grande autonomia na elaboração das festas de santo e que através de reuniões coletivas criam-se debates e escolhem a comissão a qual se debruçara com mais intensidade perante as diversas questões envolvidas no preparo do festejo. Ainda complementa a dinâmica que o santo padroeiro traduz diante da comunidade, assimilando a ideia de pertencimento e de história do lugar vivido.

Na preparação do tempo-festivo discutem-se questões relacionadas a programação sacra, tal como: procissões, missas, novenas, terços, celebrações etc. as quais farão reverência ao santo padroeiro. Ademais necessita relacionar a delimitação do espaço para o uso do local também sob o viés profano, mais precisamente nas proximidades do entorno dos templos, sendo assim os fiéis vivem a festa mediante as suas expectativas e contribuem da maneira que acham melhor (Nascimento Neto, 2005).

3.5 NÍSIA FLORESTA E A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO Ó.

De acordo com dados do Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB, 2018), o município de Nísia Floresta (Latitude 6° 05' 28"S e Longitude 35° 12' 31"W) está localizado na microrregião de Macaíba do estado do Rio Grande do Norte e fica a uma distância de cerca de 35,0 Km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. O município foi criado em 18 de fevereiro de 1852 com altitude média de 20 metros em relação ao nível do mar.

Levando em consideração dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), Nísia Floresta faz parte da Região Metropolitana de Natal, possui uma população de 31.942 habitantes e extensão territorial de 307,719 km². Seu território é

composto por cerca de 26 lagoas e 5 praias, além de possuir considerável parte dessa extensão composta por comunidades rurais, como é o caso de Currais. Considerando o território do município, cerca de 91% de sua população vive dentro de uma Unidade de Conservação Ambiental, sendo mais estritamente conhecida por APA Bonfim-Guaraíra.

O município atualmente conhecido como Nísia Floresta recebeu essa denominação em homenagem à escritora, educadora e ativista feminina Nísia Floresta Brasileira Augusta. Anteriormente, o território era identificado pela toponímia Papary, cuja origem está associada à presença de uma lagoa de grande relevância para a subsistência local, reconhecida pela abundância e produtividade de peixes, elemento central para a dinâmica cultural da região. Desde meados de 1617, a área já era denominada Papary pelos povos originários que ali habitavam, os quais manejavam a terra de forma tradicional, reconhecendo sua fertilidade e potencial produtivo e estabelecendo, assim, uma relação direta entre natureza e cultura (IBGE 2026).

Com o passar do tempo, diante do crescimento do povoado e da necessidade de institucionalização das práticas religiosas, intensificou-se o anseio pela construção de um templo católico. Nesse contexto, em 1756, foi concluída a Capela de Nossa Senhora do Ó, cuja finalidade inicial estava associada ao processo de catequização dos povos indígenas, especialmente aqueles oriundos do atual município de São José de Mipibu (Paróquia de Nossa Senhora Do Ó, 2012).

Entretanto, apenas em 29 de agosto de 1833 a Paróquia de Nossa Senhora do Ó foi oficialmente reconhecida, marcando um importante momento na consolidação da organização religiosa local. O primeiro vigário da comunidade cristã foi o Padre Antônio Gomes de Leiros, figura central na estruturação da vida paroquial e no fortalecimento da religiosidade no município. Atualmente, a Matriz de Nossa Senhora (Figura 2) possui uma representatividade assídua entre os munícipes, revelando-se de grande valia para toda a comunidade cristã (Paróquia de Nossa Senhora Do Ó, 2012).

Figura 2 – Igreja Matriz de Nossa Senhora Do Ó, Nísia Floresta.



Fonte: Registrado por Lourenço Candido (2022).

Em decorrência do processo de ocupação e expansão populacional nas terras nísia-florestenses, o município passou a abrigar diversas comunidades. Nesse contexto, a Paróquia de Nossa Senhora do Ó atualmente reúne várias capelas distribuídas por todo o seu território, além de contar com sua sede principal, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó, localizada no bairro centro, da cidade. O Quadro 1 apresenta a relação das comunidades do município de Nísia Floresta – RN que tem vinculação com a paróquia de Nossa Senhora Do Ó, acompanhadas de seus respectivos padroeiros, bem como as datas de celebração e realização dos festejos dedicados a cada santo.

Quadro 1 – Programação anual das festas dos(as) padroeiros(as) das comunidades de Nísia Floresta.

COMUNIDADES	DIA/MÊS	PADROEIRO (A)
Alcaçuz	24/09	Nossa Senhora das Mercês
Alto Monte Hermínio	27/09	São Vicente de Paula
Barra de Tabatinga	13/05	Nossa Senhora de Fátima
Barreta	08/12	Nossa Senhora da Conceição
Boa Água	24/06	São João Batista
Búzios	02/02	Nossa Senhora dos Navegantes
Camurupim	16/10	São Geraldo Magela
Campo de Santana	26/07	Sant' Ana

Currais	20/01	São Sebastião
Golandi	04/10	São Francisco de Assis
Jenipapeiro	20/01	São Sebastião
Loteamento Cidade Alta	25/05	São Padre Pio
Morrinhos	15/09	Nossa Senhora das Dores
Oitizeiro	08/12	Nossa Senhora da Conceição
Pirangi do Sul	15/09	Nossa Senhora da Soledade
Porto	01/11	Todos os Santos
Timbó	10/01	São Gonçalo de Amarante
Tororomba	13/12	Santa Luzia

Fonte: Centro Paroquial (2025), adaptado pelo pesquisador.

A partir da análise do quadro acima, observa-se uma curiosidade: a repetição do mesmo santo padroeiro em duas comunidades distintas. Quando se trata de São Sebastião como santo padroeiro, torna-se o fato ainda mais inusitado, pois Currais e Jenipapeiro são localidades vizinhas, cujas dinâmicas sociais frequentemente se interligam. Com base nas vivências na comunidade e nos diálogos estabelecidos com representantes das comissões das duas capelas, foi possível perceber que há interferências e falhas de comunicação no período de realização dos festejos, mesmo que cada comunidade possua datas e programações próprias que são estabelecidas em comum acordo. Geralmente as comunidades entram em consenso e a cada ano há um revezamento da comunidade que festejará o santo no seu dia exato comemoração.

Como as festividades dependem de um dinamismo coletivo envolvendo arrecadação de recursos, participação de visitantes e organização das atividades sociais, essa proximidade das comunidades e a compatibilidade da festividade, acaba gerando interferências e prejuízo as duas localidades, uma vez que cada comunidade está empenhada em realizar as atividades em sua comunidade e público que visita a festa acaba tendo que optar por muitas vezes pela participação em apenas uma comunidade.

No que se refere a relação entre a comunidade de Currais e a Paróquia de Nossa Senhora Do Ó, nota-se uma certa proximidade participativa entre a Matriz e a capela de São Sebastião. Os devotos da comunidade contribuem com o dízimo, que em partes é dividido entre as denominações religiosas, participa efetivamente do dia em que é convidada ao novenário em prol da padroeira. Como vista na Figura 3 evidencia-se a participação coletiva da comunidade Currais realizando o santo terço e anunciando a aproximação da festa da padroeira do município, com a imagem de Nossa Senhora Do Ó. Na Figura 4 representa o movimento de apadrinhamento a Nossa Senhora Do Ó, no qual alguns representantes da comunidade de Currais aparecem recebendo mimos pela participação de prestígio no tempo festivo.

Figura 3 – Terço votivo a Nossa Senhora Do Ó na comunidade Currais, Nísia Floresta – RN.



Fonte: Acervo do pesquisador (2025).

Figura 4 – Padrinhos e madrinhas de Nossa Senhora Do Ó, na Festa da padroeira.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

4 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE CURRAIS, NÍSIA FLORESTA-RN.

A comunidade de Currais está localizada na porção interiorana do município de Nísia Floresta, às margens da RN-002 (estrada de principal acesso ao município de Senador Georgino Avelino), situando-se entre as comunidades de Golandi e Jenipapeiro. Embora seja considerada uma localidade rural, possui certa proximidade com a sede municipal de Nísia Floresta. A comunidade possui uma população de aproximadamente 500 habitantes, caracterizando-se por uma dinâmica social singela, fortemente vinculada às tradições locais e às relações interpessoais de vizinhança.

Arraigada por práticas tradicionais vinculadas à cultura rural, a população de Currais tem suas principais fontes de renda associadas à agricultura familiar, destacando-se o cultivo da banana, da macaxeira, da batata doce, do jerimum, do milho e do feijão verde (Figura 5). Paralelamente, a pesca constitui uma atividade recorrente (Figura 6), favorecida pela proximidade com o rio Trairí, sendo a tilápia, a traíra e o camarão de água doce, os principais pescados comercializados pelos moradores.

Figura 5 – Roçado de feijão verde, macaxeira, milho, jerimum e batata doce em Currais.



Fonte: Registro autoral (2025).

Figura 6 – Pesca no Rio Trairí em Currais.



Fonte: Registrado por José Ismar (2024)

Outra fonte de renda que está atrelada diretamente a comunidade são os serviços vinculados à carcinicultura. Alguns moradores mantêm vínculo empregatício formal com fazendas de cultivo de camarão, que produzem também tilápia, enquanto outros são contratados de forma eventual, especialmente nos períodos de seca e despesca dos viveiros. (Figura 7)

Figura 7 – Viveiro de camarão e tilápia na comunidade de Currais.



Fonte: Registrado por José Ismar (2023)

Outra parcela da população é composta por aposentados e beneficiários do programa social Bolsa Família, além dos indivíduos vinculados ao serviço público municipal por meio de

contratos temporários. Apesar das carências e limitações socioeconômicas enfrentadas por parcela de moradores da comunidade, muitos deles afirmam que: “em Currais não tem como passar fome”, sob a justificativa de que o território dispõe diversidade de recursos naturais, como árvores frutíferas de: manga, abacate, mangaba, banana, caju etc. além da abundância de pescados. Ademais, a proximidade com a Fazenda Jerusalém, voltada à fruticultura e localizada na comunidade vizinha de Golandí, também se apresenta como uma importante fonte de trabalho para moradores de Currais.

Em virtude da adjacência com áreas de manguezal, a coleta e comercialização de crustáceos também se apresenta como uma alternativa econômica complementar. Dentre as espécies exploradas, destacam-se o caranguejo-uçá, o goiamum e o siri, cujo consumo é direcionado, sobretudo, aos turistas que transitam pelo povoado. Nesse contexto, a venda desses produtos configura-se como uma fonte de renda extra para parte da população local.

No que se refere à organização comunitária, observa-se a presença de diferentes equipamentos sociais e religiosos na comunidade de Currais, dentre os quais se destacam uma Igreja Pentecostal, uma Assembleia de Deus e a Capela de São Sebastião, que está localizada ao lado da Unidade Básica de Saúde da comunidade. Esses espaços desempenham papel relevante na vida social e religiosa da população, contribuindo para a manutenção de práticas de fé e de convivência comunitária.

No âmbito das políticas públicas, a comunidade é contemplada com o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), ofertado pela Prefeitura Municipal de Nísia Floresta. Por meio desse projeto social, são desenvolvidas oficinas de circo, ballet e práticas esportivas, com o objetivo de promover a inclusão social de crianças e jovens, prevenindo situações de vulnerabilidade e proporcionando experiências formativas positivas.

No que se refere à educação, a comunidade de Currais não dispõe, atualmente, de unidade escolar em funcionamento. A creche destinada às crianças da educação infantil encontra-se em fase de conclusão e, enquanto isso, os estudantes da comunidade precisam se deslocar diariamente para comunidades vizinhas ou para a sede do município de Nísia Floresta a fim de frequentarem suas atividades escolares. Em contrapartida, por meio de uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, foi implantada no município uma nova modalidade de ensino, da qual Currais também passou a ser contemplada: o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), cujo prédio utilizado para realização da atividade educacional, é o mesmo do (SCFV), no horário noturno. Esse projeto tem como objetivo possibilitar o retorno à escola de jovens e adultos que não conseguiram concluir o ensino básico no período regular, contribuindo para a

ampliação do acesso à educação e para a redução das desigualdades educacionais na comunidade.

A comunidade de Currais apresenta uma dinâmica típica do interior, marcada pela convivência cotidiana e pela cooperação social entre seus moradores. Práticas como sentar-se nas calçadas durante as tardes, compartilhar o café enquanto se assiste ao jornal, caminhar com os vizinhos e confraternizar socialmente nos fins de semana configuram cenas recorrentes no lugar, revelando modos de vida pautados na proximidade e na sociabilidade.

O cotidiano da comunidade caracteriza-se por um ritmo mais calmo e menos acelerado quando comparado aos grandes centros urbanos. Distante do distanciamento e da fugacidade das relações comuns às cidades, os vínculos sociais em Currais mostram-se mais estreitos, com maior presença da afetividade, as informações reverberam com facilidade entre os moradores, elementos que reforçam o sentimento de pertencimento e identidade do local.

Sobre a análise do espaço cultural e em concomitância com o objeto de estudo, os enfoques para o entendimento de tal meio, faz-se necessário resgatar e retratar a questão da paisagem cultural, que vai desde os muitos sinônimos do vocábulo “paisagem” até os caracteres provenientes da assimilação do termo, na qual o homem tem grande participação na modificação natural dela e como consequência, posteriormente pode ser reflexo da condição do resultado da identificação do espaço vivido, se tornando desse modo mais um pressuposto para a compreensão da cultura.

Sobre o conceito de paisagem cultural, Mikessel e Wagner (2007 *apud* Corrêa; Rosendahl, 2007, p. 36) ressaltam:

[...] Este termo abrange tanto as características distintas que servem para diferenciar uma região, como as características que não se limitam a uma região determinada, mas ocorrem nela. Então, a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestadas as escolhas feitas e mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural.

A partir da assimilação, da caracterização do espaço vivido e como participante da comunidade, é possível afirmar que uma das manifestações tradicionais mais expressivas da comunidade de Currais é a Festa de São Sebastião, que é capaz de romper com o cotidiano e atribuir novos sentidos à paisagem no imaginário popular local. No período da festividade, os moradores vivenciam momentos intensos de devoção e confraternização, fortalecendo, por meio da fé, os vínculos comunitários. A gratidão pelas graças alcançadas, assim como os novos

anseios e pretensões futuras, são depositados na crença de que, pela intercessão do santo padroeiro, os pedidos serão atendidos.

4.1 ORIGEM HISTÓRICA DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO.

A festa de São Sebastião foi e é algo fundamental na vida e origem dos moradores de Currais, diante dos relatos é possível verificar a questão da identidade e do uso simbólico do espaço através das narrativas contadas.

São Sebastião, padroeiro da comunidade de Currais e santo de grande caráter devotivo para muitos cristãos, foi um soldado romano que viveu no século III d.C., período marcado por intensas guerras, fome e epidemias. Diferentemente da maioria dos soldados de sua época, adotou uma postura cristã, empática e solidária com o próximo, destacando-se como um fiel seguidor e propagador dos ensinamentos de Jesus mesmo diante das adversidades (Freitas; D'Abadia, 2018).

São Sebastião nasceu na região da Gália Romana e tornou-se cidadão de Milão. Seguindo a carreira militar, mudou-se para Roma, onde passou a servir no exército dos imperadores Diocleciano e Maximiano. Mesmo sendo soldado, Sebastião era cristão em um período em que o cristianismo era perseguido, pois a sociedade romana valorizava o culto a vários deuses. Ainda assim, ele manteve sua fé e buscava ajudar outras pessoas, sendo reconhecido por sua coragem e atitudes consideradas milagrosas (Freitas; D'Abadia, 2018).

Essa conduta, no entanto, desagradou os imperadores romanos, que ordenaram sua execução no dia 20 de janeiro, data que se tornou símbolo de homenagem e devoção ao santo mártir. Desde então, São Sebastião passou a ser venerado como protetor contra a fome, as doenças, as epidemias e as guerras, consolidando sua importância no imaginário e na religiosidade cristã (Freitas; D'Abadia, 2018).

Através dos depoimentos coletados com os moradores, percebe-se a familiaridade e o afeto com que se retrata o acontecimento da festividade, carregando nostalgia e muito respeito pelas memórias vividas no lugar no tempo festivo. Segundo o relato de uma das moradoras mais antigas da comunidade, a origem da festa está enraizada na história do lugar e perdura ao longo do tempo. Como discorre a seguir:

Acredito que a Festa de São Sebastião tenha mais 100 anos de execução, hoje tenho 94 anos sou nascida e criada aqui em Currais e quando ainda era criança lembro-me de participar e lembro que comecei a frequentar a celebração por meio dos meus pais, que já festejavam a data a tempos. Hoje tenho grande

apreço por São Sebastião e oro todos os dias antes de dormir por sua intercessão, para que as coisas melhorarem cada dia mais. (Nossa Senhora Da Guia, 03/12/2025).

No que diz respeito a origem da Capela, de acordo com informações provenientes do acervo documental da organização administrativa do Centro Paroquial do município de Nísia Floresta, a edificação atual foi idealizada no ano de 2010. A Capela de São Sebastião, localizada na comunidade de Currais, foi edificada em terreno doado pela Sra. Antônia Anunciada de Carvalho. A doação foi formalizada por meio de escritura pública datada de 22 de março de 1946. À época, o terreno possuía dimensões de 14,00 por 15,00 metros, enquanto a área construída da capela media aproximadamente 7,42 por 13,54 metros.

A respeito da imagem do padroeiro, foram identificadas duas imagens na Capela; entretanto, não há registros, nem relatos que indiquem com precisão quem as doou ou em que ano chegaram ao local. Na Figura 8, apresenta-se a imagem de São Sebastião, que está atualmente exposta na Capela.

Figura 8 – Imagem de São Sebastião, padroeiro da comunidade de Currais.



Fonte: Registrado por José Ismar (2014).

De acordo com as informações coletadas, o santo padroeiro da comunidade sempre foi São Sebastião. Contudo, segundo informações dos fiéis mais antigos, ao longo do tempo, houve mudança na localização do templo religioso. A primeira capela de Currais foi construída a poucos metros do local onde se encontra a atual edificação. A construção da Capela atual (Figura 9) contou com a participação expressiva dos moradores, evidenciando o envolvimento coletivo da comunidade no fortalecimento da vida religiosa local. Entre os principais

representantes e voluntário da obra, destaca-se o Sr. Manoel Casseiro da Silva, morador que foi responsável por vivenciar a primeira celebração de matrimônio realizada na nova capela juntamente com sua esposa. Esse fato permite compreender o empenho, a dedicação e o sentimento de pertencimento dos habitantes de Currais em relação à comunidade cristã e às práticas religiosas ali desenvolvidas.

Figura 9 – Capela de São Sebastião na comunidade de Currais.



Fonte: Registrado por José Ismar (2014).

Com a mudança de localização da capela, novas formas de vivenciar a festa passaram a ser incorporadas, assim como campanhas voltadas à melhoria das condições físicas do templo. Essas iniciativas contemplaram a renovação do sistema de som externo, a aquisição de novos bancos de madeira para assento dos visitantes, a introdução de novas imagens sacras do santo padroeiro e a reorganização da programação, contribuindo para a revitalização da capela e para a diversificação das atividades festivas. No que diz respeito às melhorias estruturais, destaca-se a iniciativa de uma moradora da comunidade que, durante a década de 1980, empenhou-se de forma significativa para tornar o espaço mais confortável e adequado tanto à programação litúrgica cotidiana quanto às celebrações festivas, conforme expressa a seguir:

Ao longo da década 1980, recorro que realizei e liderei diversas campanhas juntamente com a comunidade missionária, planejando estratégias para arrecadar doações, tendo em vista anseios requeridos para melhoria da estrutura da capela de São Sebastião. Inicialmente, o objetivo foi a aquisição dos bancos da capela, que à época custaram cerca de oito mil cruzeiros em uma loja de marcenaria em São José de Mipibu, a capelinha era pequena e dispunha apenas de tamboretas, o que evidenciava a necessidade de melhorias. Posteriormente, com o apoio da comunidade, doações e o afiançamento (sic) de outros moradores, e mediante muita perseverança, foi possível adquirir o sistema de som externo; os fios condutores do som, que foram doados por um radialista que à época conhecia e o altar de mármore que eu mesma retirei medidas para o planejamento. Além disso, foram adquiridas novas imagens de São Sebastião. Com a graça de Deus, de Nossa Senhora de Fátima e de São Sebastião, todas essas melhorias foram concretizadas com sucesso. (Nossa Senhora Aparecida, 04/12/2025).

Logo depois, no ano de 1995, a capela passou por pequenas reformas em seu estado físico, sem perder suas características originais. Entre as intervenções realizadas destacam-se a renovação do madeiramento do teto, a aquisição de novas janelas, o calçamento em seu entorno e o assentamento do piso cerâmico. De acordo com o acervo paroquial, todas essas melhorias foram viabilizadas com o apoio dos fiéis, por meio da realização de mutirões comunitários.

Uma curiosidade relacionada à Festa de São Sebastião, na comunidade de Currais, refere-se ao hino do padroeiro entoado ao final de cada dia de celebração na capela. Apesar de amplamente conhecido e cantado pelos fiéis da comunidade, o hino não possui autoria comprovada, sendo atribuído à chamada “autoria popular”. Segundo o relato de um dos integrantes do ministério de música local, a letra da canção entoada na capela de Currais não se encontrava disponível em nenhuma plataforma musical digital. Contudo, a partir da realização desta pesquisa, o músico mencionado decidiu disponibilizar o hino no Palco MP3, plataforma de música digital, interpretado com voz e percussão pelos próprios membros do ministério de música “Som & Vida”, da comunidade. A gravação, publicada no mês de maio de 2021, contabiliza atualmente mais de 400 reproduções.

Em todos os momentos de partilha de informações, especialmente nos relatos que remetem à origem histórica da Festa e da Capela de São Sebastião, torna-se evidente o forte sentimento de pertencimento e o simbolismo que o santo padroeiro e a data comemorativa evocam na comunidade. Observa-se, ainda, o comprometimento dos moradores em participar ativamente das celebrações e em proporcionar novos momentos de vivência festiva às suas famílias, o que demonstra que a festa perpassa gerações e marca continuamente a trajetória de vida dessas pessoas.

Como morador da comunidade de Currais desde a infância, fui batizado durante uma dessas festas de São Sebastião, fato que reforça minha devoção ao santo. Assim como o meu, muitos outros batismos e matrimônios encontram-se registrados na história e na memória da Festa de São Sebastião desde a sua origem, evidenciando sua importância simbólica, religiosa e social para a comunidade. Na Figura 10, evidencia-se a fotografia do único casamento comunitário que aconteceu na comunidade, onde sete casais participaram do enlace matrimonial de modo coletivo.

Figura 10 – Casamento comunitário na Festa de São Sebastião.



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

Outro fato relevante relatado por moradores da comunidade diz respeito ao cruzeiro localizado em frente à capela, que assumia papel central nas práticas religiosas locais. A partir desse ponto, eram realizadas procissões em direção ao município de Nísia Floresta, das quais participava um grupo de freiras responsáveis por ações de evangelização na comunidade. O percurso seguia até a Igreja Matriz do município, configurando um importante itinerário de fé. Essas manifestações ocorreram em um contexto marcado por períodos de escassez e vulnerabilidade social, quando a fome atingia a população local. Nesse cenário, as procissões e a devoção ao santo padroeiro atuavam como elementos de fortalecimento espiritual, reafirmando a identidade religiosa da comunidade e os anseios coletivos depositados em São Sebastião.

No que se refere ao tempo festivo, observou-se que os moradores, especialmente os mais idosos, demonstram forte identificação e sentimento de pertencimento em relação às experiências vivenciadas naquele espaço. As memórias associadas às festividades passadas funcionam como fonte de acalento e valorização de um período em que a festa era vivenciada de forma mais intensa e coletiva. Paralelamente, percebe-se certo descontentamento em relação às transformações ocorridas no tempo festivo atual, o qual, segundo os relatos, perdeu parcialmente suas características tradicionais e simbólicas.

4.2 DINÂMICA SOCIOCULTURAL E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO.

Partindo da análise da concepção da religiosidade a partir das dimensões do sagrado e do profano (Rosendahl, 1999), compreende-se que a Festa de São Sebastião de Currais se destaca, desde sua origem, pela organização e pela forma como é celebrada e frequentada por moradores de comunidades e até de cidades vizinhas. O dia 20 de janeiro está fortemente associado a um compromisso anual de confraternização, no qual os moradores se empenham em realizar a festividade da melhor maneira possível. Esse esforço manifesta-se tanto na elaboração da programação religiosa realizada na Capela da comunidade, quanto nas atividades sociais e comemorativas propostas após o encerramento das celebrações litúrgicas.

No que se refere ao exercício das atividades religiosas no tempo sagrado, antigamente as celebrações litúrgicas organizavam-se sob a forma de novenário, realizado ao longo de nove dias consecutivos, durante os quais eram promovidas diversas programações que antecederiam o dia dedicado ao padroeiro. No início e no encerramento do novenário, realizavam-se procissões com o estandarte de São Sebastião. Tradicionalmente, a abertura da festa partia da residência de um morador previamente escolhido e, ao final do ciclo festivo, após a Missa Votiva do último dia, uma nova família era designada para guardar o bem simbólico da festividade, assumindo também a responsabilidade pela confecção da bandeira religiosa no ano seguinte.

Concomitantemente às procissões que anunciavam a abertura e o encerramento da festa, desenvolviam-se outros rituais religiosos no templo, como celebrações, terços, vigílias e missas. Essas atividades frequentemente atingiam a capacidade máxima de público, contando tanto com a participação dos moradores locais quanto com a presença de fiéis provenientes de comunidades vizinhas, convidados pela própria Capela. Mesmo com a estrutura ainda modesta à época, a festa se consolidava como um evento de grande expressividade para a localidade, ampliando-se e ganhando maior relevância a cada ano.

Atualmente, a Festa de São Sebastião vivencia um declínio em sua dimensão religiosa. O que antes era celebrado sob a forma de novenário passou a ocorrer, nos dias atuais, em apenas três dias consecutivos, configurando um tríduo. As procissões com o estandarte no início e fim da festa permanecem, contudo, a visitação durante os dias festivos tornou-se mais discreta quando comparada a períodos anteriores. (Figura 11).

Figura 11 – Procissão com o estandarte de São Sebastião.



Fonte: Registrado por José Ismar (2024).

Outro fator retrata a questão do público externo, que mesmo quando convidado por meio de uma programação previamente estabelecida pela comissão organizadora, demonstra menor adesão às atividades religiosas, o que se relaciona, em parte, a dificuldades logísticas, como as condições precárias das vias de acesso, além do receio provocado pelo aumento de práticas violentas. No que diz respeito ao público local, também se observa uma redução significativa da participação ao longo dos anos. Segundo relatos de membros da comissão organizadora, esse processo se intensificou no período pós-pandemia, marcado pelo medo e pela insegurança coletiva.

Figura 12 – Tríduo da Festa de São Sebastião na pandemia.



Fonte: Registrado por José Ismar (2021).

Apesar dessas transformações na parte religiosa da festa, especificamente no dia dedicado a São Sebastião a Capela ainda atinge considerável participação coletiva, uma vez que muitos dos moradores considera o ato ainda de grande valor simbólico. Nesse momento, alguns ex-moradores e familiares retornam à comunidade para participar do encerramento da festa, motivados pelo desejo de reavivar memórias, fortalecer os laços comunitários e renovar a fé no santo padroeiro.

Figura 13 – Missa de encerramento da Festa de São Sebastião no ano de 2024.



Fonte: Registrado por José Ismar (2024).

No que se refere à dimensão profana da Festa de São Sebastião, em concordância com relatos dos moradores pude perceber que em períodos anteriores, as atividades eram significativamente mais perceptíveis e expressivas. A visitação de público oriundo de outras comunidades e até de cidades vizinhas era intensa, evidenciando o caráter agregador do evento. Programações como o baile de sanfona, vaquejadas, bingos, concurso da rainha da festa, além das tradicionais barracas de comidas e bebidas e a presença de brinquedos de parques de diversões, compunham o cenário festivo. Esses elementos ornamentavam o espaço e exerciam forte poder de atração, estimulando a participação e a permanência do público, que tradicionalmente prestigiava o evento.

No que se refere à organização do evento, a moradora Nossa Senhora Aparecida, residente na comunidade há 61 anos, relata a dinâmica e o modo de organização da Festa de São Sebastião a partir das experiências vivenciadas por seu pai, que atuou como um dos principais organizadores da festividade há aproximadamente 51 anos. Como relata a seguir:

Meu pai foi responsável pela realização da Festa de São Sebastião durante 16 anos consecutivos. Na época, eu tinha cerca de 10 anos de idade e já o auxiliava na apuração dos recursos arrecadados. Ele sempre conseguia contratar bandas de orquestra, além de promover leilões, vaquejadas e outras atividades festivas. A organização contava ainda com a expressiva participação de jovens da comunidade vizinha de Jenipapeiro, bem como de minhas tias, por parte materna. (Nossa Senhora Aparecida, 04/12/2025)

Quanto as barracas, organizavam-se ao longo da RN-002, estrada principal da comunidade, constituindo um importante elemento da dimensão profana da festa. Havia uma barraca comercial central, organizada pela comissão da capela e localizada no entorno da Capela, cuja arrecadação era destinada à manutenção e às atividades religiosas da própria comunidade. Paralelamente, outras barracas eram montadas por moradores locais, bem como por pessoas provenientes de comunidades e localidades vizinhas, que viam na festividade uma oportunidade de obtenção de renda por meio da comercialização de seus produtos.

Outra moradora da comunidade relata sua vivência e descreve a forma como se dava a organização da barraca no período em que seu pai contribuía diretamente com o evento.

Desde a infância participei ativamente da Festa de São Sebastião, por se tratar de um dos momentos mais aguardados pelos moradores da comunidade. A festividade reunia muitos brinquedos, além de barracas de comidas e bebidas, o que tornava o ambiente bastante atrativo. Costumava me reunir com meus primos, e juntos aproveitávamos intensamente a festa. Meu pai que era um dos barraqueiros da festa, organizava sua grande barraca, com a estrutura confeccionada a partir de uma espécie de madeira retirada do manguezal

próximo a comunidade. Além disso, ele adquiria enfeites, e toda a família colaborava na ornamentação da barraca, buscando organizá-la da melhor forma para atrair os festeiros. (Santa Luzia, 05/12/2025)

Os bailes e serestas também se destacavam de maneira significativa há mais de 30 anos. As apresentações musicais animavam a população e distribuía-se por diferentes pontos da comunidade, nos estabelecimentos comerciais, estendendo-se, em muitos casos, até o amanhecer, o que diversificava o ambiente festivo e ampliava as opções de lazer para os festeiros.

A festividade também favorecia os comerciantes locais, que, por manterem uma relação próxima e cotidiana com a clientela, reconheciam na festa uma oportunidade para impulsionar as vendas durante o período festivo. Para isso, reforçavam o abastecimento de seus estabelecimentos e, ao mesmo tempo, conseguiam usufruir da celebração, considerando que, à época, o contexto era marcado por um ambiente mais tranquilo e com menor percepção de periculosidade. Contudo, atualmente, de acordo com relatos dos próprios comerciantes que permanecem na comunidade, a festividade perdeu parte de sua força, não sendo mais capaz de gerar renda extra nem aumento significativo no movimento comercial durante os dias de sua realização.

Nos últimos tempos, as comemorações e programações de caráter social tornaram-se mais frágeis e restritas. Atualmente, a capela ainda organiza bingos após cada dia do tríduo, os quais são realizados com doações dos próprios moradores da comunidade. Também ocorrem quermesses no entorno da capela, nas quais apenas a própria instituição religiosa mantém a barraca (Figura 14), sendo os produtos comercializados confeccionados com recursos da capela e, por vezes também com a colaboração de moradores locais, não havendo a venda de bebidas alcoólicas, nem os bailes e serestas até o amanhecer.

Figura 14 – Quermesse da capela na Festa de São Sebastião em 2018.



Fonte: Registrado por José Ismar (2018).

Eventualmente, há alguma apresentação musical, porém de forma esporádica. Em 2019, por exemplo, foi realizada a segunda edição de uma cavalgada (Figura 15 e 16) e um torneio de futebol. Entretanto, essas atividades não tiveram continuidade em edições posteriores. Observa-se, assim, um notório decréscimo na participação social, evidenciando as transformações ocorridas na dimensão profana da Festa de São Sebastião na comunidade de Currais ao longo do tempo.

Figura 15 – Cavalgada com o estandarte de São Sebastião



Fonte: Registrado por José Ismar (2015).

Figura 16 – Concentração dos cavaleiros na cavalgada.



Fonte: Registrado por José Ismar (2015).

De acordo com as análises realizadas a partir dos resultados dos questionários aplicados, aliados à percepção adquirida por meio da vivência prática no lugar, foi possível identificar transformações significativas na Festa de São Sebastião. Tais mudanças decorrem de diversos fatores e refletem-se, sobretudo, no encurtamento da programação festiva e na diminuição da participação social da comunidade. Essas mudanças evidenciam um processo de ressignificação da festa, no qual práticas tradicionais vêm sendo gradualmente modificadas, impactando tanto a dimensão religiosa quanto os aspectos socioculturais da celebração.

Dentre as motivações para tais mudanças, destaca-se o aumento expressivo da violência na comunidade, observado aproximadamente nos últimos vinte anos, como um dos principais fatores que influenciaram a reformulação da programação social do evento. Embora a festividade tenha como propósito central a celebração do santo padroeiro e o fortalecimento dos laços afetivos entre os moradores, passou a ser percebida, em determinados momentos, como um espaço propício a conflitos e acertos de contas entre desafetos, gerando brigas e tumultos desnecessários e incompatíveis com o objetivo da festa. Diante do receio iminente vivenciado pela maioria dos moradores e pela própria gestão da capela, optou-se por uma postura mais cautelosa, mantendo a programação social de forma mais discreta e reforçando a centralidade da devoção ao sagrado.

Como fator paralelo à violência, as mudanças impostas pelo tempo, associadas ao cansaço e ao envelhecimento das pessoas historicamente responsáveis pela organização do evento, têm gerado dificuldades na gestão da capela e no planejamento da Festa de São Sebastião. Atualmente, observa-se um entrave significativo na inserção de novos participantes na comissão organizadora, uma vez que, mesmo diante dos convites realizados pelos gestores da capela, muitos moradores não se consideram disponíveis para assumir, com responsabilidade, as atribuições relacionadas tanto à festa quanto ao cotidiano da instituição religiosa. Dessa forma, a renovação e a rotatividade dos membros da comissão encontram-se fragilizadas, refletindo um cenário de desgaste organizacional, ainda que permaneça a expectativa e a esperança pela formação de novos mentores comprometidos com os assuntos da capela, bem como novos voluntários também dispostos aos serviços complementares as atividades festivas.

Observou-se, ainda, o envelhecimento do público participante das atividades da capela, uma vez que os jovens, de modo geral, apresentam menor envolvimento com as manifestações religiosas. Mesmo diante da existência de iniciativas como o catecismo e a crisma, a participação juvenil (sobretudo entre os adolescentes), permanece abaixo do esperado, o que acaba por ameaçar a continuidade dos anseios, das práticas devocionais e das celebrações promovidas pela capela.

Os custos envolvidos na realização da festa, aliados à dificuldade de mobilização de voluntários, também demandam novos olhares sobre a organização do evento. Embora uma parcela significativa da comunidade participe e contribua diretamente para a concretização da festividade, o encarecimento dos produtos comercializados com o objetivo de arrecadar fundos para a capela tem gerado comentários por parte do público e provocado desgaste no planejamento da comissão organizadora. Tal cenário acaba impactando negativamente a participação da população local, especialmente nas quermesses realizadas ao longo do tríduo. Ademais, a escassez de voluntários para a preparação dos lanches e para o atendimento nas vendas intensifica os desafios enfrentados, uma vez que, apesar de muitos moradores colaborarem financeiramente, há dificuldades quanto à disponibilidade para o trabalho voluntário.

A partir da análise de Castro (2008), sobre as festas de São João Batista na Bahia, observa-se uma mudança significativa na preparação dessas celebrações, que anteriormente articulavam as dimensões religiosa e profana em um ambiente familiar e marcado pela espontaneidade. A partir de meados da década de 1980, com o apoio do poder público, as festas passaram por um processo de racionalização e mercantilização. Posteriormente, as

superproduções das festas públicas, aliadas às transformações nas relações familiares e socioculturais, refletiram-se na reorganização dos espaços domésticos, evidenciada pela redução dos terreiros e pela perda do simbolismo da casa como espaço central da celebração.

Nesse contexto, a esfera familiar foi ressignificada, passando a funcionar apenas como ponto de apoio para a vivência da festa em outros espaços. Em analogia a essa análise e à temática das transformações da Festa de São Sebastião de Currais, constata-se que as mudanças na forma de preparação das festas também influenciaram o decréscimo da participação do público festeiro local, uma vez que, diante dos novos rumos assumidos pelas festas populares, a comunidade não conseguiu acompanhar tais transformações.

No que se refere ao estado físico da Capela de São Sebastião, as transformações também se mostram perceptíveis ao longo do tempo. Após a construção da nova sede, diversas reformas foram realizadas na composição do templo (Figura 17), destacando-se a ampliação do altar, a criação de um espaço destinado ao ministério de música e a implantação de um centro pastoral (Figura 18).

Figura 17 – Capela de São Sebastião no seu modelo atual.



Fonte: Registrado por Luzia Catarina (2018).

Figura 18 – Construção do Centro Pastoral.



Fonte: Registrado por José Ismar (2019).

Além disso, houve uma nova substituição do piso, a construção de muros com portões, visando maior segurança do local, bem como melhorias na acomodação dos fiéis, a exemplo da aquisição de novos bancos comprados posteriormente à deterioração dos anteriores, os quais haviam sido obtidos pela iniciativa da moradora Aparecida. Somam-se a essas intervenções a modernização de todo o sistema de som e a aquisição de ventiladores de maior eficiência. Tais realizações foram possibilitadas pela união, perseverança e engajamento dos atuantes representantes da capela e moradores da comunidade de Currais.

4.3 ORGANIZAÇÃO DA FESTIVIDADE ATUALMENTE.

No que diz respeito ao planejamento da festa, a comissão organizadora relata que as proposições e reuniões têm início cerca de três meses antes do período festivo. Em geral, são realizadas aproximadamente cinco reuniões, com o objetivo de alinhar todas as questões referentes ao tríduo, que se inicia no dia 16 de janeiro e culmina dia 20 janeiro na celebração da Santa Missa em honra a São Sebastião. Durante esses encontros, são debatidos aspectos fundamentais da organização, como a escolha dos celebrantes, das comunidades e dos movimentos convidados, a definição das equipes responsáveis e dispostas ao serviço, bem como assuntos relacionados a arrecadação de fundos que serão destinados à aquisição de itens necessários à realização da festa, a exemplo de velas, flores naturais, fogos, entre outros.

Durante o período de planejamento, também é realizada a confecção de camisas destinadas ao uso e à identificação da festa, o que evidencia a participação coletiva dos moradores da comunidade de Currais. Os festeiros e demais habitantes demonstram-se solícitos em colaborar, contribuindo de diferentes maneiras para a concretização do evento. Entre as principais ajudas, destacam-se a doação de recursos financeiros, a oferta de artigos como arranjos florais e fogos, bem como a doação de animais e frutas destinados a bingos, leilões ou a outras programações propostas. Além disso, muitos fiéis oferecem seu próprio trabalho como forma de devoção e serviço ao santo padroeiro.

No ano de 2025, por exemplo de acordo com a iniciativa do pároco Raimundo Renato da Rocha Ciríaco, foi instituída, a partir do mês de agosto, a celebração da missa votiva em honra a São Sebastião, realizada no dia 20 de cada mês. Essa prática funciona como um alento e uma preparação para o tempo festivo que se aproxima, fortalecendo a perseverança religiosa e o sentimento de pertencimento dos fiéis ao lugar e ao santo padroeiro. Na última missa votiva (Figura 19), celebrada em 20 de dezembro de 2025, o pároco anunciou o início da comercialização das camisetas e de outros artigos destinados às pessoas que contribuirão para o apadrinhamento da festa. Em diálogo com os organizadores, também foi relatada a intenção de manter as missas votivas nos próximos períodos.

Figura 19 – Missa votiva em honra a São Sebastião.



Fonte: Registrado por José Ismar (2025).

Quanto ao apoio proveniente de recursos externos e de órgãos públicos municipais, a comissão organizadora declarou que, sempre que solicitada, a Prefeitura Municipal de Nísia

Floresta - RN contribui com a disponibilização de tendas destinadas à realização da quermesse, organizada ao lado da capela, bem como com a instalação de iluminação, que oferece pontos de luz que servem de suporte ao desenvolvimento das atividades noturnas no entorno do espaço religioso. Em situações específicas, especialmente durante a realização de eventos de cunho social, o poder público também atua no reforço da segurança, disponibilizando efetivo policial à paisana.

Diante disso, a comissão organizadora divulgou a programação da Festa de São Sebastião referente ao ano de 2026, cujo tema foi “São Sebastião, ensinai-nos a viver a fidelidade a Cristo”. A festividade ocorreu no período de 16 a 20 de janeiro, reunindo momentos religiosos e simbólicos que estruturaram o calendário devocional da comunidade.

A abertura da festividade, realizada no dia 16 de janeiro, teve início às 5h, com os repiques do sino, marcando simbolicamente o começo das celebrações. Ao meio-dia, ocorreu o Ofício da Imaculada Conceição, seguido, às 15h, pela realização do Terço da Misericórdia. No período da tarde, às 18h, foi rezado o Terço Mariano e, às 18h30, aconteceu a caminhada com o estandarte da festa, que partiu da residência de Regiane e Marlúcio, percorrendo as principais vias da comunidade. A programação do dia foi encerrada às 19h com a celebração da Missa, presidida pelo padre Raimundo Renato Ciríaco, pároco de Nísia Floresta, tendo como noiteiros toda a comunidade paroquial. (Figura20)

Figura 20 – Missa de abertura da Festa de São Sebastião 2026.



Fonte: Registrado por José Ismar (2026).

No dia 17 de janeiro, correspondente à primeira noite do Tríduo em honra a São Sebastião, a programação teve início ao meio-dia com a realização do Ofício da Imaculada Conceição. Às 15h, foi rezado o Terço da Misericórdia e, às 18h, ocorreu o Terço Mariano. Encerrando as atividades do dia, às 19h, foi realizada a Celebração da Palavra, conduzida por José André, José Ismar, Kalina e Edilza, ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia (MESCEs). Nesta noite, participaram como noiteiros as comunidades das capelas de São Francisco de Assis, no Golandi; São Sebastião, no Jenipapeiro; São João Batista, em Boa Água; São Padre Pio; além do Movimento do Terço dos Homens. (Figura 21)

Figura 21 – Primeira noite do Tríduo.



Fonte: Registrado por José Ismar (2026).

No dia 18 de janeiro, segunda noite do Tríduo, a programação iniciou-se ao meio-dia com o Ofício da Imaculada Conceição. Às 15h, foi rezado o Terço da Misericórdia e, às 18h, ocorreu o Terço Mariano. Às 19h, foi realizada a Celebração da Palavra, conduzida pelo diácono Paulo Felizola. Nesta noite, participaram como noiteiros as comunidades das capelas de Todos os Santos, no Porto; São Vicente de Paulo, no Alto Monte Hermínio; Nossa Senhora das Dores, em Morrinhos; São Gonçalo do Amarante, no Timbó; além do Movimento da Mãe Rainha. (Figura 22)

Figura 22 – Segunda noite do Tríduo.



Fonte: Registrado por José Ismar (2026).

No dia 19 de janeiro, terceira noite do Tríduo em honra a São Sebastião, a programação teve início ao meio-dia com a realização do Ofício da Imaculada Conceição. Às 15h, foi rezado o Terço da Misericórdia e, às 18h, ocorreu o Terço Mariano. Às 19h, realizou-se a Celebração da Palavra, conduzida por Edinor e Vida, ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia (MESCEs). Nesta noite, participaram como noiteiros a Matriz de Nossa Senhora do Ó, localizada no Centro; as capelas de Santa Luzia, em Tororomba; Nossa Senhora da Conceição, no Oitizeiro; Sant'Ana, em Campo de Santana; Nossa Senhora das Mercês, em Alcaçuz; além do grupo Mães que Oram pelos Filhos. (Figura 23)

Figura 23 – Terceira noite do Tríduo.



Fonte: Registrado por José Ismar (2026).

No dia 20 de janeiro, data dedicada ao padroeiro São Sebastião e que marcou o encerramento da festividade, as atividades tiveram início às 5h, com os repiques dos sinos, seguidos, às 5h30, pela caminhada penitencial e pelo café da manhã partilhado entre os fiéis. Às 19h, foi celebrada a missa solene de encerramento, presidida pelo padre Frei Manoel José da Silva, vigário paroquial do Município. Nesta ocasião, participaram como noiteiros toda a comunidade paroquial, bem como a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores de Nísia Floresta. (Figura 24)

Figura 24 – Missa solene de encerramento da Festa de São Sebastião 2026.



Fonte: Registrado por José Ismar (2026).

Ao final dos dias de festa, a capela organizou uma barraca destinada à comercialização de lanches variados (Figura 25). Paralelamente à realização da quermesse, ocorreram bingos, cujas premiações foram doadas pelos próprios moradores da comunidade. Essas iniciativas tiveram como objetivo a arrecadação de recursos financeiros para a manutenção da Capela.

Figura 25 – Barraca da Festa de São Sebastião 2026.



Fonte: Registrado por José Ismar (2026).

Ao término da festa, é realizada uma reunião na qual os recursos financeiros arrecadados são contabilizados pelos membros da comissão organizadora e posteriormente divulgados nas programações cotidianas da comunidade. A partir dessa prestação de contas, identificam-se eventuais precariedades no estado físico da capela que demandem reparos, sendo os recursos destinados conforme as prioridades estabelecidas. Todo esse processo é comunicado ao pároco, que também apresenta recomendações quanto à destinação de parte dos valores para auxílio à igreja matriz. A partir desse diálogo, são firmados novos acordos acerca do uso do montante arrecadado, e o valor remanescente é destinado ao caixa da capela, com vistas à execução de planos futuros e ao atendimento de eventuais situações emergenciais. Todos esses movimentos são feitos com transparência e em diálogo com fiéis da comunidade.

Vale salientar que neste ano de 2026, ocorreu um entrave para a plena realização da festa. Segundo informações prestadas pela comissão organizadora, a dificuldade na obtenção do aceite dos celebrantes responsáveis pelo tríduo configurou-se como um obstáculo à concretização da programação prevista. Diante dessa problemática, a situação foi comunicada ao pároco e, posteriormente, realizou-se uma reorganização na escala de celebrantes da festividade, o que resultou em alterações na programação inicialmente pensada.

4.4 PROGRAMAÇÃO E EXERCÍCIO COTIDIANO DA CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO.

Ao se tratar da programação cotidiana da Capela de São Sebastião, observa-se o empenho dos membros da comissão local em organizar um calendário de atividades voltado à manutenção e ao fortalecimento da fé cristã no cotidiano da comunidade. Nesse sentido, diariamente, às 18 horas, é realizado o terço mariano; às terças-feiras ocorre o terço dos homens, que é considerado um dos movimentos mais expressivo da capela (Figura 26); às quintas-feiras é promovida a adoração ao Santíssimo Sacramento; às sextas-feiras acontece o terço das mulheres; e, aos domingos, realiza-se a celebração da Palavra. As missas com a presença do sacerdote acontecem de forma esporádica, geralmente uma vez ao mês. Concomitantemente a essas práticas, são desenvolvidos encontros semanais de partilha e aprendizado com os crismandos e catequizandos.

Figura 26 – Celebração em honra ao movimento da Mãe Rainha.



Fonte: Registrado por José Ismar (2019).

A capela também se encontra engajada em projetos que ultrapassam os limites físicos do templo sagrado. Iniciativas como as visitas da Mãe Rainha (Figura 27) e do Pai Eterno têm como princípio e objetivo percorrer a comunidade, visitando as residências dos moradores previamente definidas em um itinerário. Diariamente, a imagem representativa de cada projeto permanece na casa de um morador, onde pernoita, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos comunitários e para a intensificação das relações de visitação entre os fiéis. Além

disso, tais ações facilitam a participação religiosa daqueles que enfrentam dificuldades de deslocamento até a capela, ampliando o alcance das práticas de fé no espaço comunitário.

Figura 27 – Movimento do Terço dos Homens em comemoração aos 11 anos de participação.



Fonte: Registrado por José Ismar (2019).

Além das atividades cotidianas de rotina, a capela também promove tríduos durante o período festivo de Maria mãe de Jesus, marcados exclusivamente pela dimensão do sagrado, em honra à Virgem Maria sob os títulos de Nossa Senhora de Fátima (Figura 28), Nossa Senhora Aparecida (Figura 29) e Nossa Senhora das Graças. Essas celebrações incluem a realização de um itinerário pelas comunidades vizinhas, com a presença das respectivas imagens, culminando em apresentações religiosas no mês de maio. Nesse contexto, destaca-se a tradicional coroação da Virgem Maria, realizada por crianças da própria comunidade, vestidas como anjos, reforçando o caráter simbólico e devocional do evento.

Figura 28 – Celebração em virtude de Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Registrado por José Ismar (2018).

Figura 29 – Celebração em virtude de Nossa Senhora de Aparecida.



Fonte: Registrado por José Ismar (2018).

O movimento da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) também se faz presente na comunidade, mantendo viva a proposta de uma prática cristã pautada na caridade, na simplicidade e no desapego à vaidade, inspirada no exemplo de São Vicente de Paulo. A atuação da SSVP volta-se, prioritariamente, para contextos de vulnerabilidade social,

oferecendo apoio por meio de diferentes formas de assistência. Na comunidade de Currais, a Sociedade desenvolve ações como a doação de roupas, mantimentos e alimentos às pessoas em situação de carência, além de participar de iniciativas solidárias em outras localidades. Contudo, observa-se que, atualmente, o grupo vicentino enfrenta um período de pacificidade, o que tem resultado na redução da frequência das reuniões e na diminuição da intensidade de suas ações.

Atualmente, a Capela conta com duas novas ministras da Eucaristia, residentes na própria comunidade, formadas no ano de 2025. Após anos de discernimento vocacional, ambas aceitaram o convite para exercer o ministério e já iniciaram suas atuações nas celebrações, inserindo-se gradualmente no cotidiano da capela. Essa renovação tem como objetivo dar continuidade às atividades pastorais e contribuir para a manutenção da vivacidade da comunidade cristã local.

Diante do cenário atual, também se destaca a criação das pastorais da Capela, configurando um novo modelo de organização e planejamento das atividades religiosas. Nesse modelo, os idealizadores e participantes passam a desempenhar funções específicas, distribuídas de modo a evitar a sobrecarga de qualquer membro. Entre as principais pastorais atuantes estão a do dízimo, da música, dos terços, da comunicação e da liturgia.

Em contrapartida, observa-se, de forma menos satisfatória, o desaparecimento da confecção do tapete devocional por ocasião da celebração de “Corpus Christi”. Tradicionalmente, essa prática envolvia os próprios organizadores e alguns moradores da comunidade, que confeccionavam coletivamente os tapetes utilizando diversos materiais, conferindo à celebração um forte caráter simbólico e participativo. (Figura 30)

Figura 30 – Tapete de Corpus Christi na Capela de São Sebastião.



Fonte: Registrado por José Ismar (2014).

Diante das mudanças nos movimentos ligados à dimensão religiosa da Capela de São Sebastião, observa-se a dissolução do grupo de jovens na comunidade, bem como a estagnação do Grupo de Casais. Este último teve apenas uma única edição, organizado e conduzido pela Comunidade de Discípulos da Nova Aliança, em novembro de 2008, sob a gestão paroquial do Padre Inácio Henrique de Araujo. Na ocasião, o seminário contou com a participação de 14 casais e teve como objetivo contribuir para o processo de evangelização da comunidade. As reuniões do grupo ocorriam, em geral, às sextas-feiras; contudo, o movimento não se manteve ao longo do tempo, não havendo, até o momento, sequer indícios de novas edições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar as transformações ocorridas na Festa de São Sebastião, na comunidade de Currais, município de Nísia Floresta–RN, a partir da relação entre as dimensões do sagrado e do profano, considerando as mudanças socioculturais, organizacionais e simbólicas que atravessam essa manifestação religiosa ao longo do tempo. A aplicação de questionários, a realização de entrevistas e a vivência empírica no lugar possibilitaram compreender que, apesar das alterações em sua forma de realização, a festividade permanece como um elemento central na construção da identidade comunitária.

Os resultados evidenciam um processo de ressignificação da festa, marcado, sobretudo, pelo encurtamento da programação, pela diminuição da participação social e pela centralização progressiva da dimensão religiosa em detrimento das práticas festivas profanas. Tal reconfiguração não ocorre de maneira isolada, mas está associada a fatores internos e externos à comunidade, como o aumento da violência, o envelhecimento dos organizadores tradicionais, a dificuldade de inserção de novos voluntários, bem como os entraves logísticos e financeiros enfrentados pela comissão organizadora.

Apesar desses desafios, a pesquisa também revelou importantes sinais de resistência e continuidade. Esses aspectos se expressam na manutenção cotidiana das celebrações religiosas e no esforço da atual gestão da Capela de São Sebastião em preservar a tradição, ainda que de forma mais modesta diante das condições atuais. A atuação de novas ministras da Eucaristia e o engajamento de parte dos moradores demonstram que a festividade permanece viva tanto no imaginário quanto nas práticas da comunidade.

As projeções sobre o futuro da festa revelam sentimentos ambíguos entre os entrevistados, oscilando entre a esperança de um possível reavivamento e o receio de um declínio progressivo. Essas percepções reforçam a importância da festividade como espaço de memória, afetividade e construção simbólica do lugar, conforme evidenciado pela descrição da paisagem cultural e pelas narrativas orais dos moradores.

A descrição da paisagem simbólica presente no imaginário dos entrevistados mostrou-se fundamental para o levantamento de informações sobre a origem da festa e para a compreensão das dinâmicas que se desenvolviam no espaço comunitário durante o tempo festivo, bem como das transformações percebidas ao longo do tempo. Mesmo diante dos impasses relacionados à perda de registros documentais sobre a capela e à ausência de registros fotográficos do período de maior expressividade da festa (em razão das limitações tecnológicas

da época), os resultados da pesquisa foram considerados satisfatórios, sobretudo pela disposição e interesse dos fiéis em colaborar com o estudo.

Atualmente, de forma quase unânime, os entrevistados reconhecem a dimensão religiosa como o eixo central da festividade. A festa social, que em períodos anteriores possuía grande destaque, tornou-se pouco perceptível na configuração atual do evento. Ainda assim, para muitos participantes, a Festa de São Sebastião continua sendo compreendida como uma manifestação tradicional de grande relevância, uma vez que fortalece os laços afetivos, simboliza a identidade do lugar e permanece no imaginário coletivo da comunidade.

Por fim, conclui-se que, embora transformada, a Festa de São Sebastião segue desempenhando um papel fundamental na organização do tempo festivo, na expressão da religiosidade popular tradicional e no fortalecimento dos vínculos comunitários em Currais. A compreensão dessas transformações contribui não apenas para o registro da memória local, mas também para reflexões mais amplas sobre a dinâmica das festas religiosas tradicionais frente às mudanças sociais contemporâneas. Espera-se, portanto, que este estudo possa subsidiar futuras pesquisas e iniciativas voltadas à valorização do patrimônio cultural imaterial e à revitalização das práticas festivas no âmbito comunitário.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama — Nísia Floresta (RN). Cidades IBGE**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/nisia-floresta/panorama>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- CAPALBO, Creusa. **Espaço e religião: uma perspectiva filosófica**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. **As festas religiosas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado/profano**. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 181–197. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bk/10>. Acesso em: 29 nov. 2025.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- CORRÊA, Roberto L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora UNESP, 2018
- CORRÊA, Roberto L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- COSTA, Otávio J. L. Os lugares sagrados na perspectiva da geografia da religião. **Revista GeoUECE**, Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE, v. 2, n. 1, p. 18–28, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.uece.br/geouece>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- DANTAS, Maria I. **Do monte à rua: cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias**. Natal: IFRN, 2008.
- DIAS, Maria H. T. **Entre memórias e narrativas dos festeiros das festas de santo do território quilombola Vão Grande**. 2017. Disponível em : <https://kilombo.pro.br/entre-memorias-e-narrativas-dos-festeiros-das-festas-de-santo-do-territorio-quilombola-vao-grande/>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- FREITAS, Mirelle Antônia S.; D’ABADIA, Maria Idelma V. História e devoção a São Sebastião nas festividades religiosas. In: **Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)**(ISSN 2447-8687). 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Identidade territorial**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HOLANDA, Sérgio B. d. **Raízes do Brasil**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

IBGE. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. **Agência de Notícias IBGE**, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 4 ago. 2025.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nísia Floresta. Rio de Janeiro: **Sistema de Bibliotecas do IBGE**, [s.d.]. Disponível no catálogo online da Biblioteca do IBGE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=34652>. Acesso em: 25 nov. 2025.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nísia Floresta. **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/nisia-floresta.html> Acesso em: 28 nov. 2025.

LOUREIRO, Luiz Francisco; ALENCAR, Edna Ferreira. Festas de santo, da promessa ao padroeiro: mudanças e continuidades nas sociabilidades festivas em uma comunidade rural de Maraã-AM, Amazônia Central. **Amazônica – Revista de Antropologia**, v. 16, n. 1, p. 158–183, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/16446>. Acesso em: 18 nov. 2025.

NASCIMENTO NETO, Luiz Eduardo do. **Território das festas religiosas no Seridó potiguar**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

NÍSIA FLORESTA (RN). **Plano Municipal de Saneamento Básico: diagnóstico técnico-participativo**. Nísia Floresta: Prefeitura Municipal de Nísia Floresta, 2018. Disponível em: <http://nisiainfo.rn.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/N%C3%ADsia-Floresta-Ultima-Vers%C3%A3o-F.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

OLIVEIRA, Renata de A. **Cidade, memória e patrimônio: um estudo de caso sobre a festa de Santo Antônio em Duque de Caxias/RJ**. In: *História: relações de poder, cultura e representações*, v. 2, cap. 3. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/79499>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO Ó. **Paróquia de Nossa Senhora do Ó completa 179 anos de evangelização**. Publicado em 29 ago. 2012. Disponível em: <https://paroquianisia.blogspot.com/p/capelas-e-padroeiros.html>. Acesso em: 02 dez. 2025.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani Cesar d. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSENDAHL, Zeny. **O espaço, o sagrado e o profano**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço; técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

WAGNER, Philip L.; MIKESEL, Marvin W. **Os temas da geografia cultural**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (VERSÃO MORADORES DA COMUNIDADE).

Projeto: O sagrado e o profano: um estudo das transformações da Festa de São Sebastião na Comunidade de Currais, Nísia Floresta-RN.

Entrevistado: _____ Idade _____

Tempo de residência na comunidade: _____

1. Identificação e contexto pessoal

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora na comunidade? *
2. Possui participação ativa na comunidade (pastoral, comissão da festa, associação de moradores etc.)? *
3. Qual a importância da festa na comunidade de Currais para você e sua família?

2. Origem e transformações da Festa de São Sebastião

4. Como o(a) senhor(a) conheceu a Festa de São Sebastião?
5. Sabe nos contar como a festa começou (localização, ano de criação da capela, pároco da época, quem construiu a capela)?
6. Quais eram as principais características da festa quando o(a) senhor(a) começou a participar?
7. O que mudou na festa ao longo dos anos (na organização, no público, nas atrações religiosas e sociais)?
8. Acha que a festa perdeu ou ganhou força com o tempo? Por quê?

3. Organização e funcionamento

9. Quem normalmente organiza a festa (igreja, comissão, moradores)?
10. Considera a festa acessível para participação (consumo)?
11. Contribuiu de alguma forma para a realização?
12. Participa da programação (religiosa e social) da festa?

4. Percepção sociocultural

13. Para você, o que representa a Festa de São Sebastião?
14. A festa contribui para unir a comunidade? Como?
15. O senhor(a) acha que a festa traz benefícios para a economia local (ex: comércio, turismo, renda extra)?
16. Considera que a parte religiosa (missas, novenário, procissões) é o ponto central do evento?
17. Acredita que a parte social/profana (shows, bingos, quermesses) pode atrapalhar ou complementar a parte religiosa? Por quê?
18. A festa ajuda a manter viva a tradição e a cultura da comunidade?
19. Como imagina a Festa de São Sebastião daqui a 10 anos?

5. Espaço para considerações finais

20. Gostaria de deixar alguma sugestão para melhorar a festa?
21. Há alguma história ou memória marcante relacionada à festa que o(a) senhor(a) gostaria de compartilhar?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (VERSÃO ORGANIZADORES).

/

Questionário de Entrevista – Versão para Organizadores

O sagrado e o profano: um estudo das transformações da Festa de São Sebastião na Comunidade de Currais, Nísia Floresta-RN.

1. Identificação e atuação na comunidade

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) está envolvido(a) na organização da Festa de São Sebastião? (PESSOAL)
2. Quais funções ou responsabilidades costuma desempenhar na festa? (PESSOAL)
3. Como vê o papel da igreja e da comissão de festa na preservação dessa tradição? (PESSOAL)

2. História e transformações da festa

4. Há alguma datação a respeito da origem da capela de São Sebastião, bem como quem construiu e mudanças de localização ou estética da sua figura original (ano de ampliação do centro pastoral e reformas no seu entorno)?
5. Há registros históricos ou relatos sobre o início da festa e capela de São Sebastião na comunidade (ano de criação da capela e princípio da festa, localidade, pároco inicial)?
6. Há alguma outra festividade na comunidade que a capela esteja envolvida? Se sim, qual?
7. O que mudou na organização da festa ao longo dos anos (programação, número de voluntários, participação da comunidade)?
8. Quais foram os maiores desafios ou mudanças significativas que a festa já enfrentou? (PESSOAL)

3. Planejamento e logística

9. Como é feito o planejamento anual da festa (definição de datas, programação, escolha da família receptora do estandarte, divisão de tarefas)?
10. Há uma rotina (de missas, celebrações, terços, orações, vigílias etc.) com o intuito de manter a comunidade cristã praticante ativa após o período da festa, no cotidiano habitual da comunidade?

11. Existe uma equipe fixa ou os voluntários mudam a cada ano?
12. Como é feita a arrecadação de recursos (doações, bingos, rifas, apoio de empresas, prefeitura municipal)?
13. Há parcerias com órgãos públicos ou privados para apoiar a realização da festa?
14. Considera o povo da comunidade engajado na causa, tal qual contribui para realização do evento?
15. Como a segurança, limpeza e infraestrutura são planejadas?
16. A arrecadação de fundos provenientes da festa tem algum objetivo (compras de artigos para a capela, ajuda comunitária, divisão com a paróquia)?
17. Considera a infraestrutura das vias públicas facilitadoras para a visitação das demais comunidades? Caso não seja, atribui a tal questão um possível prejuízo de participação das localidades externas ou há outra questão que se possa pontuar, Disserte.

4. Participação e impacto comunitário

18. A participação da comunidade aumentou ou diminuiu nos últimos anos? Por quê?
19. Na sua percepção qual é a importância da festa para o fortalecimento da fé e da união comunitária? (PESSOAL)
20. A festa traz benefícios econômicos para os moradores? Pode citar exemplos, se houver?
21. Considera a festa acessível (financeiramente) para os moradores?
22. Percebe a participação dos jovens como eficientes atuantes nas atribuições em prol da festa?
23. De que forma a festa contribui para a identidade cultural de Currais? (PESSOAL)

5. Perspectivas e desafios

24. Quais são os principais desafios atuais para manter a festa viva?
25. Acredita que o modelo atual (religioso + social) atende às expectativas da comunidade? (PESSOAL)
26. Há interesse ou necessidade de modernizar/trazer novidades para a festa sem perder sua essência? (PESSOAL)

27. Quais são suas expectativas para o futuro da festa? (PESSOAL)

6. Considerações finais

28. O que gostaria de ser melhorado na organização da festa? (PESSOAL)

29. Há algo que considere essencial preservar para as próximas gerações? (PESSOAL)

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), convidamos vossa senhoria a participar da pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo título (provisório) é "**O sagrado e o profano: um estudo das transformações da Festa de São Sebastião na Comunidade Currais, Nísia Floresta – RN**", realizado pelo graduando e pesquisador principal **Iuri do Nascimento Silva (matrícula 202011016020022)**, do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (Campus Natal Central), sob orientação do professor Geovany Pachelly Galdino Dantas (matrícula 1722287).

Caso decida aceitar o convite, vossa senhoria será submetido(a) aos seguintes procedimentos: **entrevista e questionário semiestruturado**. A aplicação dos procedimentos citados pode ser realizada em **formato online e/ou presencial**, a depender da disponibilidade e escolha do participante, no caso do participante da entrevista, cuja responsabilidade de aplicação é do graduando Iuri do Nascimento Silva.

As informações coletadas serão transcritas e analisadas pelo graduando, sob a supervisão do seu orientador, com a finalidade de compor o Trabalho de Conclusão de Curso. O **objetivo** da pesquisa consiste em compreender e analisar as transformações e a influência da festa de São Sebastião na dinâmica da comunidade de Currais.

Quanto aos **benefícios**, a pesquisa, apresenta a possibilidade de que seus resultados possam contribuir como subsídio teórico-metodológico e analítico em relação às dinâmicas das festas de padroeiro em comunidades rurais nos municípios do Rio Grande do Norte.

As informações coletadas nesta pesquisa serão utilizadas integralmente ou em parte com a finalidade de produção do TCC, além de outras modalidades de trabalhos acadêmicos e de divulgação científica (livro ou capítulo de livro, periódicos científicos, eventos científicos, palestras, seminários ou aulas).

Os **riscos** quanto à participação da pesquisa resultam da não observância por parte do pesquisador da garantia de **anonimato, privacidade e sigilo** das informações prestadas por todos os participantes em qualquer um dos meios de divulgação. Com vistas a garantir a confidencialidade das informações coletadas, os instrumentos de coleta de dados, isto é, **entrevista e questionário semiestruturado**, serão aplicados exclusivamente pelo pesquisador principal, cabendo somente ao mesmo o manuseio e tutela das informações, bem como a garantia de que o participante se sinta à vontade para participar ou não da entrevista.

Em caso de aceite, será garantido ao participante que uma via assinada deste TCLE seja entregue e um meio de contato (telefone e/ou e-mail) do pesquisador principal seja disponibilizado para que todas as dúvidas em relação à pesquisa sejam tiradas.

É assegurado ao participante da pesquisa o direito de não responder às perguntas que não se sinta confortável e, considerando o caráter voluntário da participação, o direito de desistir

a qualquer momento, retirando o consentimento sem que isso traga nenhum prejuízo ou penalidade.

CONSENTIMENTO LIVRE

Depois de conhecer o objetivo, justificativa e procedimentos metodológicos da pesquisa intitulada "**O sagrado e o profano: um estudo das transformações da Festa de São Sebastião na Comunidade Currais, Nísia Floresta – RN**" (título provisório), **ACEITO** participar de livre e espontânea vontade da pesquisa de TCC desenvolvida pelo graduando **Iuri do Nascimento Silva (matrícula 202011016020022)**, sob orientação do professor Geovany Pachelly Galdino Dantas (matrícula 1722287). Declaro que fui devidamente esclarecido/a dos benefícios e riscos da minha participação, das formas de acesso às informações coletadas e do caráter voluntário da participação. Desta forma, autorizo que os dados coletados sejam utilizados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa de TCC aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: trabalhos acadêmicos, livro ou capítulo de livro, periódicos científicos, eventos científicos, palestras, seminários, aulas etc.

Natal, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante da pesquisa

Iuri do Nascimento Silva
Matrícula 202011016020022